

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSO  
PSICANÁLISE E LINGUAGEM: UMA OUTRA PSICOPATOLOGIA

A CLÍNICA DA PSICANÁLISE E AS RELAÇÕES SOCIAIS NO MUNDO  
VIRTUAL E DO CONSUMO

LUCIMARA MAÇORANO

Orientadora: Eliane Costa Dias

Monografia apresentada como  
parte dos requisitos para o  
certificado de Especialização em  
“Psicanálise e linguagem: uma  
outra psicopatologia”.

São Paulo

2013

**LUCIMARA MAÇORANO: A clínica da Psicanálise e as relações sociais no mundo virtual e do consumo. 2013.**

Orientadora: Eliane Costa Dias

**RESUMO**

Esta pesquisa tem como finalidade, discutir o quanto os indivíduos se apropriam dos valores de consumo disponibilizados pela atual ordem social, como esses valores influenciam a constituição de sua subjetividade e a qualidade das relações que produzem, bem como os efeitos dessa forma de se relacionar, especialmente em como os sintomas se inscrevem na contemporaneidade. Assim como também, indagar o papel dos profissionais da vertente da psicanálise diante desta nova demanda, uma vez que estamos em tempos em que a tecnologia auxilia a comunicação entre indivíduos em qualquer parte do mundo. Se por um lado o avanço científico e tecnológico facilita as relações sociais, por outro, também contribui para inversão nas relações estabelecidas de tal forma, que gradativamente os contatos realizados por meio de redes sociais, através da relação virtual, vêm substituindo as interações pessoais em nosso cotidiano. Várias abordagens teóricas das ciências humanas e da psicanálise consideram que essa relação virtual afeta a qualidade e a existência de laço social entre os indivíduos. Neste trabalho empreguei como método, a pesquisa bibliográfica de textos relacionados ao tema no campo da Psicanálise. Os artigos utilizados foram pesquisados, nas bibliotecas eletrônicas: Scielo, Bireme e EBP, que abrangem uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. Questionamentos sobre a transformação da forma de se relacionar e suas conseqüências, foram levantados visando contribuir na compreensão e no tratamento dos novos sintomas no campo da saúde mental.

Palavras chave: psicanálise, consumo, subjetividade, sintomas contemporâneos;

Keywords: psychoanalysis, consumption, subjectivity, contemporaries symptoms;

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>4</b>
<b>Capítulo 1 – Contemporaneidade: Uma Nova Ordem Social.....</b>	<b>6</b>
Contexto econômico e social: Um pouco de História .....	6
Ideologia e seus efeitos psicológicos.....	11
O laço social construído através do discurso .....	15
Conceito de Gozo em Lacan.....	21
<b>Capítulo 2 – O Processo de Constituição do sujeito: de um outro ao Outro</b> .....	<b>26</b>
Formação da Subjetividade .....	26
O complexo de Édipo e a metáfora paterna .....	36
Os três tempos do Édipo .....	37
<b>Capítulo 3 – Sintomas Contemporâneos e Fragilidade das Relações:</b> <b>Produto da Nova Ordem Social.....</b>	<b>40</b>
A formação de sintomas no contexto atual.....	40
A fragilidade das relações sociais .....	47
<b>Capítulo 4 – O Laço Social outro/Outro na Clínica Contemporânea dos</b> <b>Novos Sintomas .....</b>	<b>53</b>
A possibilidade de tratamento pelo laço social com o analista .....	53
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>58</b>
<b>Referência Bibliográfica .....</b>	<b>61</b>

## SUMMARY

<b>Introduction .....</b>	<b>4</b>
<b>Chapter 1 – Contemporaneity: A New Social Order .....</b>	<b>6</b>
<b>Economic and social context: A little history .....</b>	<b>6</b>
<b>Ideology and its psychological effects .....</b>	<b>11</b>
<b>The social bond constructed through discourse.....</b>	<b>15</b>
<b>Lacan's concept of Gozo.....</b>	<b>21</b>
<b>Chapter 2 - The Constitution of the subject: from another to</b>	
<b>Another.....</b>	<b>26</b>
<b>The Subjectivity constitution.....</b>	<b>26</b>
<b>The Oedipus complex and the paternal metaphor.....</b>	<b>36</b>
<b>The three times of Oedipus.....</b>	<b>37</b>
<b>Chapter 3 – New symptoms and the Fragility of Relationships</b>	
<b>Contemporaries: A New Social Order Product.....</b>	<b>40</b>
<b>The formation of symptoms in the current context.....</b>	<b>40</b>
<b>The fragility of social relations .....</b>	<b>47</b>
<b>Chapter 4 - The Link other/Other in the New</b>	
<b>Contemporary Clinical Symptoms.....</b>	<b>53</b>
<b>Treatment possibilities: the social bond with the analyst.....</b>	<b>53</b>
<b>Final Thoughts.....</b>	<b>58</b>
<b>Bibliographic Reference .....</b>	<b>61</b>

## Introdução

Estamos em tempos em que a tecnologia auxilia a comunicação entre indivíduos em qualquer parte do mundo. À distância, o horário e o espaço físico não restringem os contatos e a rapidez em que as informações transitam, faz dessa tecnologia e dos instrumentos que disponibilizam acesso a esta, ferramentas essenciais na vida da maioria dos seres humanos.

Essa tecnologia não só facilita as relações sociais, como também contribui para inversão nas relações estabelecidas, e o que era utilizado como acessório para comunicação passou a ser condição para o contato. Isto é, de forma gradativa os contatos realizados por meio de redes sociais, através da relação virtual, vêm substituindo os contatos pessoais em nosso cotidiano.

As teorias das ciências humanas e da psicanálise consideram que essa relação virtual afeta a qualidade e a existência de laço social entre os indivíduos. Neste trabalho pretendo discorrer sobre o efeito dessa atual forma de se relacionar na sociedade e seus efeitos para a constituição da subjetividade e das relações sociais, focando a contribuição do sistema e do discurso capitalista para este evento. Sistema este, que sustenta o contexto econômico e social que prevalece na maior parte dos países e culturas da contemporaneidade. Início, portanto, da constatação do quanto a evolução e constante mutação desse sistema alterou diretamente a qualidade de vida das pessoas, ditando o que deve ser consumido e quando o bem deve ser substituído pelos indivíduos de nossa sociedade. Situação esta que agrava a alienação das pessoas.

Outro fator essencial a ser considerado nesta pesquisa está diretamente relacionado à formação da subjetividade dos indivíduos na perspectiva da psicanálise de orientação lacaniana. Se o humano se constitui pela imersão na ordem simbólica da cultura e na relação com o Outro, cabe questionar quais os efeitos dessa nova ordem social sustentada pela globalização e pelo avanço desenfreado da tecnologia e como essa subjetividade, assim constituída, contribui para cristalizar o poder da ideologia capitalista nesse contexto histórico social.

Portanto, este trabalho tem por objetivos: discutir o quanto os indivíduos se apropriam dos valores de consumo disponibilizados na nova ordem social,

como constituem sua subjetividade pela influencia desses valores, qual a qualidade das relações que produzem, bem como os efeitos dessa forma de se relacionar, especialmente na forma de sintomas que contemplam a sociedade contemporânea. Cabe ainda indagar o papel dos profissionais da vertente da psicanálise atuando diante desta nova demanda.

Para este estudo, utilizei como método a pesquisa bibliográfica de textos relacionados ao tema no campo da Psicanálise, particularmente da psicanálise de orientação lacaniana, bem como na interlocução com o campo das ciências sociais e humanas. Para relacionar os artigos utilizados, as pesquisas foram realizadas nas bibliotecas eletrônicas Scielo, Bireme e EBP, que abrangem uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros.

Para concluir essa pesquisa, quatro tópicos foram elaborados. No primeiro, focalizei o contexto capitalista, que no ápice da sua evolução, oferece o próprio objeto sempre acessível e substituível como solução de todas as faltas e problemas dos indivíduos. No segundo, abordo a formação do sujeito na perspectiva da psicanálise lacaniana, discutindo as possíveis influências da atual ordem social, especialmente quanto à estrutura psíquica do supereu, Pois, para a psicanálise o sujeito não é dado, mas, constituído na relação com o Outro estabelecendo a auto percepção e seu papel social. No terceiro, discorro sobre os sintomas da era atual, considerados “sintomas mudos”, que se expressam diretamente no real, muitas vezes inscritos no corpo desses sujeitos contemporâneos. No quarto interrogo como os profissionais de saúde mental enfrentam e se preparam para esse e novos desafios, e pensando que a psicanálise é uma prática que utiliza a palavra como instrumento de atuação, procurei argumentos que afirmem a possibilidade de realizar intervenções psicanalíticas para esta especificidade de sintoma. Uma vez que Freud em suas obras: A Interpretação dos Sonhos (1900) e a Carta 52 (1896), afirma que o trabalho do analista também é entender o sugerido pelo inconsciente na fala, no sonho, no texto escrito pelo adulto e na inscrição no corpo, cabe questionar quais os poderes da palavra e qual posição do analista na clínica para fazer surgir a possibilidade de tratamento.

Este estudo destina-se aos estudantes do curso de especialização em psicanálise e profissionais da área que necessitem de subsídios para prática da clínica na atualidade.

## Capítulo 1 – Contemporaneidade: Uma Nova Ordem Social

### Contexto econômico e social: Um pouco de História

Segundo Krawulsk (2007) historicamente o mundo vivenciou profundas transformações a partir da segunda metade do século XVIII até a primeira do século XX com a destruição do modo de produção manufatureiro e artesanal, para ceder lugar às grandes indústrias. Essa fase corresponde ao período da Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra, estendendo-se posteriormente, para os demais países do Ocidente e do Oriente.

O fenômeno da industrialização trouxe uma série de mudanças significativas nas relações sociais, principalmente nas relações de trabalho. Conseqüentemente, a estrutura de trabalho existente até então não teve como prosperar no cotidiano dos grupos sociais da época.

Antes da Revolução Industrial, os mestres artesãos e manufatureiros eram donos das suas ferramentas de trabalho, produziam o produto e vendiam diretamente para os consumidores. A partir desse advento, a figura do artesão foi degradada continuamente. Não obtinham mais espaço na sociedade, uma vez que não tinham capacidade produtiva nem econômica para competir com as grandes indústrias.

Pode-se afirmar que a industrialização polarizou a sociedade: de um lado, a burguesia, detentora do capital; de outro, a classe operária, que vendia sua força de trabalho por preços irrisórios.

Assim, os artesãos sem espaço no mercado compunham uma parcela significativa da classe operária, formando, dessa forma, um grande exército industrial de reserva de mão-de-obra. As suas condições de vida revelaram-se de total miséria: locais de trabalho insalubres; extensas jornadas de trabalho, chegando a durar até 18 horas por dia; baixos salários; péssima situação de moradia. Aliado a tudo isso, tinham de vencer a disputa do mercado de trabalho com mulheres e crianças, as quais tinham salários inferiores. Em muitos casos, crianças na faixa de cinco e seis anos tinham como destino o trabalho quase escravo nas indústrias.

Segundo Krawulsk (2007) a Revolução Industrial, além de promover a passagem do trabalho manual para a tecnologia das máquinas, contemplou

muitas transformações e como conseqüência essa nova classe foi perdendo sua identidade e se adequando a um novo sistema, com a necessidade de vender sua força de trabalho em troca de salário e se deparando com um novo estilo de vida. Viram vários setores da vida econômica, cultural, mental e da saúde se alterando gradualmente em uma velocidade até então desconhecida, se acentuando com o passar do tempo e tornando-se irreversível no decorrer da história.

A partir desse momento, com o avanço da ciência e tecnologia, os indivíduos foram sucumbindo às exigências capitalistas, até para se tornar possível a própria sobrevivência e a permanência no mercado de trabalho. Mais recentemente a globalização tecnológica inovou os meios de comunicação, tornando o tempo do nosso cotidiano insuficiente para tantos afazeres. Contornar esse tempo escasso para as inúmeras realizações passou a ser nosso maior desafio, pois, quem não se adequar a esse padrão aderindo a essa nova tecnologia, que se altera a todo instante, tem menos chances a concorrência e de se manter ativo, obtendo como resultado a exclusão, ficando marginalizado ao sistema, correndo risco de perder sua identidade e, em última instância, a própria vida, na medida em que os recursos se tornam gradualmente inacessíveis a uma determinada classe social.

Com o passar do tempo, os homens modernos tiveram seu ritmo de vida alterado, e esta nova realidade somada à alienação absorvida para que o sistema permaneça inquestionável e sólido, com a saúde biológica e a qualidade de vida comprometida, colaborou de forma crescente para um maior isolamento do indivíduo na sociedade, restringindo seu relacionamento social, acentuando seu sofrimento psíquico e emocional.

A transformação desse sistema no contexto histórico, assim como o avanço da ciência e da tecnologia, promoveu a comunicação no mundo globalizado. Segundo Ijuim e Tellaroli (2008) a sociedade atual pode ser considerada a da Informação e esta nomenclatura está diretamente relacionada à mudança de paradigma causada pela avalanche de informações, disponibilizadas incessantemente pela mídia.

No Brasil o evento globalização explodiu na mídia na década de 1990, com a possibilidade de acesso via internet. Porém, ela se iniciou muito antes, com outras descobertas da comunicação e avanço gradativo da tecnologia.

Alguns historiadores consideram que a globalização teve seu início com as navegações marítimas, no século XV e XVI. Mais precisamente no campo da comunicação, surgiu com o telégrafo e ondas radiofônicas, se consolidando especialmente nos anos 60 após a eclosão do fenômeno televisivo, ganhando destaque com o aperfeiçoamento do computador e o surgimento da Internet.

Ijuim e Tellaroli (2008) citam Toffler (1997) por definir que vivemos em uma sociedade pós industrial, acrescentando que as transformações na sociedade são divididas historicamente por: Revolução Agrícola, Revolução Industrial e Revolução Tecnológica. Esta última, com a convergência tecnológica, o computador aliado aos telefones celulares, TV digital e a cabo, caracteriza o momento atual marcado pelas grandes mudanças que proporcionam as comunicações e intensa troca de informações. Este fato permite ao computador centralizar funções que eram apresentadas por diversos meios de comunicação.

Lévy (1999), citado por Ijuim e Tellaroli (2008), afirma que as tecnologias digitais surgiram com a infra estrutura do ciberespaço, como um novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, somado a um mercado da informação e do conhecimento. Ressalta que a cibercultura corresponde à tendência a se formar uma única comunidade mundial, ainda que esta esteja marcada por uma desigualdade conflitante.

Percebemos as transformações tecnológicas propiciadas pelo avanço do Capitalismo no decorrer da História, e o ápice desse desenvolvimento se revela atualmente pelas sociedades em rede, com a informação sendo representada como o principal ingrediente de nossa organização social, com os fluxos de mensagem e imagem entre as redes constituindo o encadeamento básico de nossa estrutura social. Com isso, segundo Ijuim e Tellaroli (2008) citando Castells (1999), há o deslocamento das relações de poder, se fixando em quem detém as conexões que ligam as redes.

Outra consideração importante dos autores, diretamente relacionada a este estudo, se refere a esta tecnologia estar presente em espaços públicos e privados, sem haver preparo dos profissionais que lá atuam em manusear estes equipamentos e repassar o conhecimento apropriado. É fato que o passar dos anos tende a amenizar esta situação, mas, não podemos deixar de considerar que as pessoas estarão constantemente tendo que se apropriar das

novidades lançadas, como condição de se manterem ativas economicamente e até socialmente.

Outro fator abordado por Ijuim e Tellaroli (2008) se refere á presença de equipamentos de alta tecnologia no âmbito da educação, porém, desprovida de um projeto pedagógico adequado ou compatível a tecnologia disponível. Utilizam-se de uma citação de Rubem Alves (1997), constatando que a mudança ocorre apenas nos acessórios da educação, sem de fato contribuir de forma efetiva no que há de mais precário na educação de grande parte dos indivíduos no mundo atual.

A seguir a contribuição do autor sobre o tema:

“A moda agora é a qualidade total na educação. E tinha de ser porque, senão fosse, os educadores e pedagogos estariam por fora de um dos temas mais quentes que rolam nos círculos da administração e produção. Não sei direito como a moda entrou, mas o fato é que ela se espalhou como epidemia, e por todos os lados se multiplicam os cursos, os simpósios, os especialistas e as publicações sobre qualidade total e controle de qualidade. E me alegro de que assim seja, pois qualidade é coisa muito boa.

Só não gosto desse ar de novidade que estão dando ao assunto, como se fosse descoberta recente. Jung disse, não sei onde, que não há coisas que os modernos tenham dito que os antigos não tenham dito de maneira mais bonita, simples e profunda. Cada vez estou mais convencido de que isso é verdade. Controle de qualidade e qualidade total estão na verdade, entre as preocupações e profissões mais antigas do universo, e as coisas essenciais sobre o assunto já foram ditas há muito tempo (...)

(...) Mas, ao pensar em qualidade total, a imagem que me vem à cabeça é a da Babette. Lá está ela na cozinha, em meio às panelas, facas, garfos, colheres, temperos, óleos, gorduras, ingredientes de todo tipo, enquanto o fogo crepita no fogão, sem livro de receita. No caldeirão, a sopa de tartaruga (...)

(...) Qualidade total. Nada melhor. Pode ser servida. O prazer está garantido. Por esta razão, porque a sabedoria milenar diz que controle de qualidade é coisa que deve ser aprendida com o corpo e os seus prazeres e dores, que desconcertado, perdido, ao ver que coisa tão importante foi entregue aos engenheiros, técnicos, administradores e controladores, que vão produzindo seus livros de receitas cheios de números e ferramentas sofisticadas, presumindo que, para se ter comida

boa, basta encher a cozinha de boas panelas, boas facas, bons temperos, números exatos e ingredientes vários. Mas quando a gente pergunta a eles: "Qual é o gosto da sopa imaginária?"- eles não sabem sobre o quê estamos falando e pensam que somos doidos. Que eles não têm noção do que estamos falando se prova pelo fato de que seus abstratos e matemáticos critérios para a qualidade total podem ser aplicados tanto a uma bicicleta quanto a uma arma. É claro que fábricas de Beretas, Taurus e outros instrumentos de morte e assassinato têm rigorosos critérios de controle de qualidade. Ali, vale a máxima: é preciso matar com eficiência, de modo que nenhuma das duas pessoas envolvidas no evento possam reclamar. Também o crime exige qualidade total.

Por isso é que eu digo que a Babette deveria ser o símbolo de todo mundo que trabalha com qualidade total, porque só ela sabe que a finalidade última dessa imensa culinária que se chama produção é uma só: produzir o prazer e a alegria.

Os tolos pensam que comida gostosa se faz com panela boa e livro de receita rigoroso. Acho que é nisso que se resume a atual filosofia de qualidade total. Mas comida boa se faz é com a Babette. É justamente isso, Babettes, que não podem ser fabricadas na linha de montagem da qualidade total. A Babette é como poeta: um evento de graça. Também o professor. E professores não podem ser produzidos. Eles apenas nascem, ao sopro mágico do Espírito.

Fico, assim, preocupado ao ver os educadores falando sobre qualidade total. Vejo as panelas, as facas, o fogo, todos de excelente qualidade, e as crianças, prestes a serem mergulhadas no caldeirão da sopa. Mas não vejo Babettes... Temo, portanto, que ao invés de sopa de tartaruga, o que vamos ter é um angu de caroço queimado. O consolo, talvez, é que a panela era Tramontina, ou que o forno era de microondas, ambos de excelente qualidade..." (ALVES, 1997, pg. 2)

## **Ideologia e seus efeitos psicológicos**

Refletindo sobre o papel da ideologia para configuração da ordem cultural e simbólica predominante a cada época, diversas contribuições foram extraídas da obra *O futuro de uma ilusão* de Freud (1927), pois, considero que os efeitos psicológicos referente à ideologia da doutrina religiosa, possuem características muito semelhantes a qualquer outro sistema ideológico.

Inicialmente Freud aborda dois pontos essenciais e paradoxos na inserção de todo o indivíduo na cultura. O primeiro deles, o fato de os seres humanos viverem em processo de constante interação, durante a sua vida. Em menor ou maior grau, não permanecem em condição de isolamento. O segundo está diretamente relacionado aos sacrifícios que se faz necessário para compartilhar a vida em comum aos demais membros de uma sociedade. Freud nos aponta o mal estar que acompanha o indivíduo por toda a sua existência, por se encontrar submetido às normas e leis de uma cultura e se adaptar a elas, como condição de existência. Desta forma, para que a própria espécie humana sobreviva e evolua, a cultura precisa ser defendida e suas disposições, instituições e mandamentos se colocam a disposição deste objetivo.

Freud cita o descontentamento com a cultura na medida em que as relações se estabelecem sobre a renúncia dos impulsos, e o fortalecimento de seus indivíduos que se revigoram mutuamente nos desregramentos que praticam. Destaca que nesse movimento de domar a pulsão, a doutrina religiosa auxilia a manter a ordem de um contexto, adotando medidas que controlam esses impulsos. Desta forma é possível dar continuidade as normas e manter o poder, transmitindo de uma geração para outra, os ensinamentos através de indivíduos exemplares ou instituições apropriadas para este fim. Ele define como frustração o fato de uma pulsão não poder ser satisfeita. A proibição é o regulamento através do qual essa frustração é estabelecida, e a privação é então a condição para promover o estabelecimento da proibição. Em outras palavras, tudo isso se refere a uma sociedade terrivelmente hostil que poderia implodir, se não fosse pelas forças da civilização e pelo desenvolvimento de mecanismos de controle e governo.

Outro ponto abordado pelo autor (1927) refere-se ao crescimento humano, ressaltando que mesmo com a dificuldade em controlar os impulsos e os desconfortos causados por essa necessidade, não é correto afirmar que a psique humana não tenha passado por nenhuma evolução desde os tempos mais antigos, fato este que se deve ao desenvolvimento da opressão externa, assimilada gradativamente por uma instância psíquica especial: o Supereu, considerado patrimônio altamente valioso da cultura. Através desta instância se mantêm no psiquismo singular de cada sujeito a rigidez da disciplina, do julgamento, e na medida em que simboliza as exigências éticas do homem, a transmissão dos valores e das tradições perpetua-se, dessa maneira, de uma geração para outra. O supereu é considerado particularmente importante no exercício das funções educativas.

A vida dos indivíduos não se resume apenas a controlar impulsos ou se adaptar as leis e normas de uma sociedade e sofrer as conseqüências dessas necessidades. Há também fatores externos que devem ser considerados e que podem contribuir para a o apego a doutrina religiosa. Afinal, interroga o autor (1927) de que maneira o indivíduo se defende da prepotência da natureza e do destino que o ameaça como a todos os outros? Como justificar esses desafios e enfrentar situações durante a vida que o levam ao limite da dor e da perda, muitas vezes de forma irreversível? Trata-se de uma situação antiga e recorrente, reatualização do Complexo de Édipo, entendido como momento fundamental do amadurecimento psíquico no qual, quando criança, o sujeito já se deparou com essa posição de desamparo, sobretudo, diante do pai. Aquele que o defendia dos perigos, trazendo-lhe segurança ao mesmo tempo em que o ameaçava, por assumir posição castradora, poderosa e de saber diante do pequeno ser. A religião elimina esse medo infantil ao custo do desenvolvimento de uma receita mais comum, porém, mais difícil de se libertar, em oposição ao que o autor considerava ser mais fácil de tratar (na infância).

Dessa forma os deuses tinham como tarefa: afastar os pavores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do destino (em especial a morte) e recompensá-los pela convivência que a cultura impõe. Como troca os homens dispunham de toda crença nesse ser superior, pois, quanto mais confiança e energia fossem utilizadas para esse fim, maiores seriam as gratificações na vida terrena e a garantia do céu na pós morte. Com a

finalidade de corrigir as tão dolorosas imperfeições da cultura, o ser humano justifica as dores, conflitos e sintomas existentes durante toda a sua vida, como lições destinadas pelo senhor, que através de caminhos tortuosos direciona a humanidade a suportar espinhos para o seu aperfeiçoamento e bem maior.

Segundo Freud (1927), as crenças religiosas no sentido mais ampliado da expressão são valorizadas, como uma das posses mais preciosas da cultura.

As vivências de desamparo da criança continuam na vida do adulto, e a psicanálise atribui à infância a motivação para manifestar esse fundamento. Pois, a religião é um desdobramento do complexo de Édipo e representa o desamparo do homem no mundo já vivido no período edipiano. Isto é, o anseio pelo pai em ambos os momentos é idêntico a proteção contra as conseqüências da impotência humana. A defesa contra a desproteção infantil cede seus traços característicos ao desamparo que o adulto é forçado a reconhecer, diante da vida e das adversidades do mundo. Reação esta que é precisamente a esperada pela formação religiosa.

Podemos pensar que as idéias religiosas são enunciados sobre a realidade externa ou interna, que comunicam algo que o indivíduo não encontrou por conta própria e que reivindicam essencialmente uma crença indiscutível nelas.

Essas idéias são passadas de geração em geração e permanecem sólidas, segundo Freud (1927), por três motivos. São eles: merecerem crédito porque os ancestrais já acreditavam nelas; porque possuímos provas que nos foram repassadas desde a antiguidade; e a proibição de forma integral, que essa comprovação seja questionada. Psicologicamente estas crenças representam uma forma de realização do desejo. Desejos que são considerados os mais antigos, fortes e urgentes desde os tempos primórdios – desejo de proteção e promessa de satisfação e felicidade.

Segundo o autor as doutrinas religiosas são reconhecidas, em sua natureza psicológica como ilusões. Não deveriam ser absorvidas como consistentes, e os indivíduos não deveriam tomá-las como valores verdadeiros e inquestionáveis. As demais doutrinas e bens culturais, que respeitamos e que permitimos que controlem nossa vida, tem natureza semelhante, assumindo todas as características psicológicas que a ideologia religiosa. São elas: a

mesma inocência por parte de quem as segue, rigidez e intolerância, tomando como sua principal defesa a proibição de pensar. Características essas atribuídas ao sistema Capitalista, contexto histórico abordado nessa pesquisa. Porém, no caso específico dessa ideologia, existe uma mutação constante para a sua permanência no poder. Constatamos que a ideologia capitalista sobrevive de sua flexibilidade fornecendo o material preciso para entretenimento da sociedade, que se adapta às transformações sem muito questionamento de seus efeitos e se apropriando dos valores ofertados no cotidiano.

Freud (1921) cita que nesta relação entre o contexto histórico e o indivíduo, a fantasia intensifica a alienação do sujeito fragilizando-lhe a aposta no próprio desejo, na própria verdade. Esta, sim, seria ilusão, ingenuidade, anacronismo, alienação. Cria-se, então, o paradoxo em torno do ideal tomado como ilusão.

## **O laço social construído através do discurso**

“No laço capitalista propriamente dito, reconhecemos o funcionamento de uma sociedade de consumo em que a classe trabalhadora torna-se material humano tão consumível quanto os produtos lançados pelo Sistema” (LACAN, 1969, pg. 172)

Segundo Lacan (1969) o mal estar na civilização é conhecido como a maior causa de sofrimento no ser humano. E o mal estar na civilização é o mal estar dos laços sociais que se expressam nos atos de: governar e ser governado, educar e ser educado, no vínculo entre analista e analisante. Essas quatro formas de as pessoas se relacionarem: governar, educar, promover a psicanálise e fazer desejar, o autor denomina de discursos, pois, considera que os laços sociais são tecidos e estruturados pela linguagem. Governar se refere ao discurso do mestre em que o poder predomina, educar constitui o discurso universitário dominado pelo conhecimento, analisar corresponde ao laço social iniciado no século XX por Freud, em que o analista é um profissional que recebe proventos por ser causa objeto libidinal do processo analítico, e o fazer desejar é o discurso da histérica dominado pelo sujeito que através da interrogação, faz o mestre não só querer o saber, como também produzir um saber.

O discurso como laço social é um modo de aparelhar o gozo com a linguagem. Na medida em que o processo civilizatório permite o estabelecimento das relações entre as pessoas, implica na renúncia da pulsão, em tratar segundo o autor, o outro como um objeto qualquer, objeto sexual, com a finalidade de ser consumido. Pois, como definido no passado por alguns autores, e também por Freud na psicanálise a inclinação do homem é ser lobo de outro homem, o que vale abusar sexualmente, explorar, torturar e até matá-lo, saciando no outro a pulsão de morte erotizada. A civilização exige do sujeito a renúncia de suas pulsões, portanto, todo laço social é a moldura da pulsão, resultando em uma perda real de satisfação.

Em nossa civilização contemporânea o que predomina é a ciência. O mal estar dessa sociedade científica se expressa na forma como a doença, a patologia é tomada pelos discursos, predominantemente pelo discurso capitalista, que é considerado por Lacan a nova modalidade do discurso do

mestre. São essas doenças no discurso, ou melhor, essas “doenças do discurso” que os profissionais da saúde são convocados a tratar.

Lacan (1969) aponta também em sua teoria semelhança entre todos os discursos, justificando que todo o discurso tem como finalidade dominar. Cita que a referência de um discurso, independente de qual seja, está diretamente relacionado à confissão de desejo da conquista. Trata-se do dominado, e neste caso a direção de cada discurso vai do agente ao outro, e é interpretado como poder de dominação, só que se apropriando da premissa do discurso de quem esta sendo dominado, e não de quem domina. No discurso do mestre a sua menção é o escravizado, no discurso do universitário, o estudante, no discurso da histórica é o mestre dominado e no do analista é o analisante. Isto é, não há condições efetivas de análise se o analisante não for tomado, pelo objeto causa de desejo.

A construção do laço social, entre partes permite saber qual a finalidade deste discurso e a direção para a dominação, pois, há um lado que domina e outro que é dominado. Tal como ocorre no discurso capitalista que há a dominação quando alguém é tratado como um escravo do consumo ou como um saber produzir, este vínculo esta localizado no discurso do mestre. Isto é, no sistema capitalista, verifica-se um laço caracterizado pela predominância no discurso da oferta dos objetos de gozo em poder do sistema, direcionados à sociedade.

Em nossa sociedade contemporânea, segundo o autor, o mal estar emerge, como produto dos discursos dominantes. São eles: do mestre, do universitário e do capitalista. Os discursos de dominação se utilizam da propriedade do poder, de comando do significante em seu caráter impositivo e até mesmo de ditador, seja ele sob a forma do poder (S1) ou do saber (S2) e encontram seu ápice no discurso capitalista, empurrando para o sujeito desejante e dividido tudo o que lhe convêm, utilizando de todas as ferramentas para que ele ceda a seu desejo.

Segundo Teixeira e Couto (2009) em *Televisão* (1974), diferente do que afirmara em 1969/1970, no seminário *O avesso da psicanálise*, Lacan apresenta o discurso capitalista, característico da civilização científica e tecnológica, como uma modalidade degradada do discurso do mestre, que desestabiliza o laço social dominante na sociedade contemporânea. No

capitalismo avançado, a verdade do sujeito e de seu objeto de gozo é a do atravessamento da lei do mercado na lei do desejo. A lógica do capital e do lucro é apresentada como a única possível, provada pelo sucesso. Tais atravessamentos e lógica não operam sem conseqüências para o sujeito.

Assim como ocorre com as formas de governo, não há apenas uma, mas, diversas formas dominantes do discurso do mestre. Sua modalidade é determinada pela forma como o discurso se impõe. E o estilo está diretamente relacionado com o manejo, ou mesmo como se propõe a verdade de seu conteúdo.

O discurso do mestre é, portanto, segundo Lacan (1969) a exigência da renúncia pulsional, promovendo retrocesso de gozo, que retorna na instância do supereu, do qual o sentimento de culpa do sujeito é o índice que se manifesta pelo olhar e voz do outro que o crítica. O mais de gozar se declina em mais de olhar e mais de voz.

O laço de educar do discurso universitário proporciona ao tratar os indivíduos como objetos, uma extensão do discurso do mestre. O que se verifica na atualidade é este discurso a serviço do sistema capitalista, sendo detectado, por exemplo, nas pesquisas de mercado, ou nas comandadas pela indústria farmacêutica em que o objetivo é unicamente a produção de variedade, para o consumo desmedido.

Recaímos, portanto, na importância do discurso capitalista. Caberia questionar se essa modalidade de discurso também possui a finalidade de promover o laço social entre os humanos, na medida em que o que estabelece é a relação de objeto de consumo rápido e de curta duração. Esse discurso induz a um empuxo de gozo, fazendo a economia do desejo do Outro e estimulando a ilusão de uma falsa completude não mais com a constituição de um par com o Outro/outro, mas, sim com uma parceira que se conecta e desconecta com os objetos, que se encontram constantemente ao alcance das mãos quando desejável. Isso pode levar à decepção, tristeza ou a diversos tipos de toxicomanias, entre as várias doenças que o discurso capitalista produz.

É interessante notar que o discurso capitalista produz uma ação paradoxal do supereu. Por um lado, o empuxo ao consumo produz um

imperativo ao gozo, na forma de um imperativo superegóico: “Goza!!!”. Por outro lado, ceder ao mais-de-gozar leva à culpabilidade.

Assim como Freud em o mal estar da civilização (1921), Lacan demonstra preocupação com a reincidência desse desconforto na modernidade, diagnosticando-o como produto do discurso do capitalismo, como proposta de uma variação do discurso do mestre. Considera este o laço dominante em nossa sociedade. A aliança do discurso capitalista com o discurso da ciência seria o mestre moderno.

O autor afirma ainda (1969), que o que caracteriza o discurso capitalista é a forclusão da castração, ou seja, a forclusão da sexualidade e da não relação entre os sexos. Isto é, um discurso que exclui o outro do laço social, pois, as relações do sujeito se restringem com os objetos mercadorias comandado pelo significante mestre “capital”. Não há relação entre o agente e outro a quem esse discurso se dirige. No lugar da verdade encontra-se o capital (S1), como significante mestre do discurso e o sujeito é reduzido a um consumidor de objetos, produzidos pela ciência e tecnologia.

Essa dominação do capital é ainda mais concreta, com o esfacelamento dos regimes de países não capitalistas. O capital invadiu todos os espaços, o que se chama nos dias de hoje *globalização*. Na sociedade globalizada as relações sociais não incluem laço com outros homens, e sim a assimilação e manipulação de bens e mensagens.

A sociedade regida pelo discurso capitalista se nutre pela fabricação de sujeitos insaciáveis em sua demanda de consumo. Consumo este que a civilização oferece como objeto do desejo, promovendo assim uma nova economia libidinal. Da mesma forma que transforma também, cada indivíduo em um explorador em potencial de seu semelhante para dele obter vantagem sobre tudo. Neste ciclo o lugar da mais valia coincide com o dos objetos de gozo. Gozo sempre prometido e não alcançável.

Segundo Lacan (1969) o discurso capitalista fabrica um sujeito animado pelo desejo capitalista, desejo este que o leva a produzir sempre mais, materializando o significante mestre desse discurso - o dinheiro que em seu caráter virtual se chama capital. O sujeito aplica este conceito, inscrevendo no aparelho psíquico, o falta-a-ser, que imediatamente se converte para o falta-a-ter dinheiro, isto é o mesmo que descapitalizado. Desta forma o discurso nesse

contexto pode produzir um sujeito inadimplente, de uma dívida que se eterniza. Há a criação de uma dívida crescente, pelo acúmulo de juros, dos juros dos juros que não se finda. Dívida em bens materiais e, principalmente, dívida em desejo e gozo.

O discurso capitalista, ao ser dominante, visa sobrepor o mercado à sociedade. Para ele não conta a sociedade, só o mercado cujas leis são invisíveis.

Esse sistema vinculado ao discurso científico se sustenta pelo modo de produção, e seu funcionamento está atrelado à rotatividade de produtos potencialmente descartáveis. Através disso configura-se a cultura do consumo. Lacan ressalta (1969) que a Revolução Industrial não melhorou a qualidade de vida dos indivíduos, e sim instaurou a ilusão de distribuição igualitária de gozo, por meio do acesso aos produtos.

O autor aponta que a linguagem possibilita a subsistência de certas relações estáveis no campo das trocas sociais. Isto é, é através da estrutura da linguagem que se torna possível estabelecer os laços sociais que permitem edificar a civilização. E é neste sentido que Lacan (1969) propõe que o significante introduz a barra à satisfação total, o homem é incompleto porque fala.

Na tentativa de acesso a algum gozo, a organização social de cada época pretende articular os modos de lidar com essa perda estrutural de satisfação. Por esse motivo o funcionamento do capitalismo é alimentado pelo poder que se encontra ligado, por exemplo, à beleza, à riqueza e à sensualidade, atraindo os sujeitos na procura da pretensa completude. Aproveita-se das ilusões (unindo-se ao discurso científico) para seduzir o consumidor com objetos travestidos de suplemento de gozo, na medida em que são ofertados enquanto satisfação total e imediata. Há na teoria de Lacan (1969) a definição de que o discurso representa uma maneira de utilizar a linguagem, como vínculo social e modo de acesso ao gozo.

O autor sustenta que o sentido da sociedade de consumo se dá quando o humano é qualificado por um mais-de-gozar qualquer, sendo assim, equiparado a um produto forjado pela indústria. O trabalhador torna-se material humano produtor dessa sociedade e é impulsionado pelo mandamento de

trabalhar mais para produzir mais. Como os produtos não possuem estatuto de completude, deve-se continuar incessantemente a produção.

O sistema capitalista goza dessa posição de objetos a serem consumidos e a consumirem a si mesmos à exaustão. Lacan (1969) aponta que esse sistema é dotado de um ritmo muito rápido e se apropria do saber científico para produzir objetos a serem consumidos e destruídos a partir da mais valia. Produz objetos elevados à categoria do objeto a na sua vertente mais de gozar.

Como consequência o objeto (a) perde sua característica de deslizamento e se apresenta como passível de acesso. Como não é de fato acessível, o sujeito se perde no circuito enganoso, queixa de mal-estar e se aliena de sua verdade: a de que é dividido e limitado (Lacan, 1969).

Nesta dinâmica frente a essa organização cultural somente a morte é mantida como limitação ao gozo não castrado. Diante disto pode-se concluir que o discurso capitalista se refere a uma posição a partir da qual o sujeito consente com o afastamento da castração e faz existir o ídolo capitalista com a produção de objetos a, denominados por Lacan de latusas.

Barreto (1998) justifica que latusas são objetos produzidos pela ciência, que funcionam como pequenos objetos (a) com que nos deparamos em qualquer local, como por exemplo, esquinas, vitrines e cuja expansão decorre do próprio predomínio do discurso da ciência neste momento histórico. São objetos de mais-de-gozar materializados pelos meios de produção.

## Conceito de Gozo em Lacan

O termo gozo na obra de Lacan surge por volta de 1938, e permanece até o fim de sua teoria. Se no começo, ele em alguns momentos, denota similaridade com o conceito de prazer, posteriormente, por volta de 1960 tornou-se conceito central na tópica Lacaniana, ligado ao Outro, tesouro dos significantes e articulado, portanto ao discurso. A partir dos anos 70 este termo sofre nova mutação, relacionada à questão da existência de um gozo que seria propriamente feminino, por não se submeter à ordem simbólica e ao significante.

O artigo utilizado para ilustrar o conceito de gozo na teoria de Lacan, “*A construção do conceito de gozo em Lacan*” (1990) vincula a noção de gozo a diversos aspectos da teoria da psicanálise, apontando como esta associação ocorre.

Uma das correlações está ligada à definição de princípio de prazer, conceito freudiano, em que segundo Lacan foi feita uma junção entre princípio do prazer e o princípio de realidade. O primeiro tornando-se processo primário do segundo e ambos encontram-se a serviço do não desprazer, define (Laznik, 1990). E o gozo consiste ao ato de forçar a barreira do não desprazer. A autora questiona o que torna esse gozo tão difícil, a ponto de o homem recair quase sempre no princípio do prazer, entendido como mínimo desprazer. O que consistiu o obstáculo ao gozo no sujeito?

Retoma a teoria de Freud para colocar o gozo em termos pulsionais, afirmando que é da libido da pulsão insatisfeita que vira a energia do supereu. Portanto, quanto mais o indivíduo deixar de satisfazer seu gozo, mais libido terá para nutrir seu supereu, exigir de si novas renúncias, acumulando novas frustrações ao gozo. Lacan ratifica a idéia de gozo situado ao lado da pulsão, e na construção topológica daquilo que ele chama de gráfico do desejo, coloca a pulsão no mesmo registro do gozo.

A dimensão de pulsão é uma concepção puramente Freudiana, essa dimensão marca-se no psíquico pela insistência com a qual algo se apresenta até que se conclua o processo de memorização. Lacan recorre a uma distinção clara entre princípio de aniquilamento, tendência de retorno ao estado de

repouso e a pulsão de morte, com a finalidade de distinguir a pulsão em seu sentido mais amplo.

A autora (1990) cita que o alicerce social se funda sobre a renúncia da satisfação da pulsão, e isso ocorre exatamente porque esta implica o gozo. Situação esta que situa o gozo no campo do Outro. Pode-se então articular a partir dessa definição a aparente introdução a questão do gozo a religião, aos mandamentos, e por fim à lei. Lacan toma ao pé da letra o que está implícito em Freud, ele funda o gozo sobre a incidência da lei – da lei do significante, da lei simbólica.

Segundo Laznik (1990) Lacan destaca que, se o gozo consiste em forçar a barreira do princípio do prazer, se uma transgressão se faz necessária para consentir o gozo, é a própria letra do interdito que permite que esse gozo encontre uma passagem. O que isso quer dizer? Que a lei é o desejo? Absolutamente não, porém, não se pode desconsiderar o fato de que só se tem acesso ao desejo através da lei. Isto é, seria ignorada a cobiça, por exemplo, se não houvesse a lei dita: não cobiças. Sem a lei simbólica, que introduz a castração e a falta-a-ser, o desejo nada mais é que um morto.

Pela concepção Lacaniana, só resta então articular as relações entre desejo e gozo. A pulsão diretamente vinculada à demanda do Outro. Aquilo que deve permanecer interdito, insatisfeito, é a realização do gozo no nível do sujeito.

Segundo a autora (1990) em Pulsões e destinos das pulsões (1914), Freud afirma que atribuir sofrimento não pode ser um objetivo pulsional em si, mas, que se a dor pode estar relacionada ao excitação sexual, então pode constituir-se com o objetivo de infligir dores. Enquanto a dor é provocada nos outros, goza-se por identificação com o objeto sofredor. Nota-se neste trecho, a explicação que contempla a passagem em que o objetivo pulsional não apenas implica o outro, vai, além disso, implicando a suposição do gozo desse outro. O que pode interessar, sobretudo é a colocação de uma intersubjetividade que faz o gozo do sujeito escorar-se sobre o gozo que ele imagina no outro.

O narcisismo é outro conceito de Freud que Lacan retoma, e vai abranger principalmente como pode estar relacionado esse termo na questão da formação do eu. A princípio o eu não existe como unidade, é necessário algumas ações psíquicas para constituir-se. Isso leva a uma concepção de eu,

como radicalmente imaginário e alienado. Ele será distinto do sujeito do inconsciente, que tem alicerce simbólico. Para Lacan, o eu é a imagem que o sujeito adquire de si mesmo sobre o modelo do outro. Lacan localiza essa experiência fundamental, no que ele denomina por “estádio do espelho”, em que o campo existencial do pequeno ser é dominado pela relação especular, imaginária, e pelo assujeitamento ao desejo materno. A autora frisa a importância e permanência desse conceito na teoria Lacaniana, que está relacionado às diversas vivências patológicas de onipotência que trazem de volta esse outro/Outro primordial, com o qual o eu tende a se confundir imaginariamente, em uma relação de alienação fundante.

Portanto, segundo Laznik (1990) quando Freud fala de gozo narcísico, Lacan julga que é necessário entender a relação intersubjetiva que se esboça.

Para compreender o lugar do conceito de gozo na obra de Lacan, a autora faz um retrocesso em 1938 com a teoria sobre “Os complexos familiares” em que ele se interessou desde o início, pelos efeitos imaginários ligados à alienação. A possível inversão e a transformação do sujeito em objeto, estão próximas das questões abordadas por Freud em relação ao gozo, que supõe a identificação ao gozo imaginário do outro. Lacan vai introduzir em seguida, a concepção de linguagem, retomando que as necessidades da criança, na medida em que precisam se fazer reconhecer sob as formas daquilo que ele denomina de demanda, encontram-se necessariamente regida até mesmo pela sua expressão, pelo código da comunicação, do significante. O discurso do Outro materno considera Lacan, dita as modalidades das mensagens da criança.

A mãe, partindo dessa premissa surge numa função desdobrada. Ao mesmo tempo em que compõe o outro na relação imaginária com a criança, ocupa o lugar do Outro primordial, tesouro dos significantes, na demanda da qual o desejo do sujeito ficará sempre alienado. Dessa forma é possível constatar o surgimento desse Outro, cujas palavras a criança incorpora ao enunciar sua demanda que é, a partir daí, a demanda do Outro. Pode-se compreender então, o gozo como a satisfação atrelada à realização dessa demanda, o que só poderá situar o gozo como o gozo do Outro.

Outra consideração importante realizada pela autora (1990) se refere, ao trabalho de reconstrução da imagem que o analisando faz. De acordo com o

apontamento de Lacan, a análise mostra como o tratamento só pode indicar ao sujeito, o quanto ele se encontra alienado de seu gozo.

Lacan aborda também a questão das relações entre o gozo e a morte, pelo viés de Kant. Começa a mostrar como a fábula Kantiana falha ao não distinguir gozo de prazer, tomando o exemplo em que se trata de um personagem que é posto na situação de ser executado no final, se quiser reencontrar a dama que deseja. Um jogo que implica o sadismo sem limites, na perspectiva de quem impôs a regra ao personagem, mas, ao mesmo tempo vemos o gozo neste caso precisamente como a aceitação da morte, imposta pelo outro. Conceituado por outro modo, basta que o gozo seja um mal, Laznik (1990).

Algum tempo depois, Lacan escreve “Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo” (1960), essencial para captar o que entende por gozo.

A alienação é apresentada nesse texto como operação primordial no processo de constituição do sujeito, já que é no tesouro dos significantes do Outro, lugar ocupado freqüentemente pela mãe que a criança precisa fazer conhecer sua necessidade. A autora ressalta que algo se rompe entre o registro da demanda de satisfação e da necessidade, no sentido fisiológico do termo, e o sujeito passa a endereçar uma demanda de amor. É neste intervalo que Lacan vai situar o campo do desejo. Lembrando que esse desejo implica a presença da mãe, pelo fundo de sua ausência. Isto é, o desejo deve necessariamente, surgir pelo fato de que o Outro está, ele próprio, submetido à operação de simbolização. É pela experiência de presença/ausência da mãe que a criança incorpora a dimensão da falta: a falta da mãe e a falta na mãe. É por essa via que o desejo se constitui – como desejo de restituição do gozo perdido.

A autora (1990) retoma a definição concedida por Lacan, em que um significante da falta (no Outro) que virá daqui em diante representar o sujeito para todo outro significante. O registro que articula gozo e castração terá como ponto fundamental, o significante da falta do Outro.

Por essa via do enigma do desejo do Outro, Lacan faz a articulação do supereu com o gozo. Afirma que nesse registro psíquico, diante do Outro, o sujeito barrado faz o questionamento: “o que queres de mim?” O que se torna facilmente “Que quer de mim o outro”? Em que há a reincidência “goze”.

Imperativo frente ao qual, segundo o autor, o homem só pode responder por “um escudo”, pois, seu gozo lhe está proibido, como foi citado anteriormente, por razões de sua estrutura. Esta dupla figura do supereu, de ser aquele que interdita e pune, e também aquele que ordena o gozo, parece congruente com sua concepção de gozo como diretamente articulado ao interdito.

Uma vez estabelecida a simbolização da falta no Outro, o supereu encontra-se recoberto por esse significante do Outro barrado, isto é, marcado pela perda do objeto (a), é exatamente aí que Lacan situa o gozo. No mesmo registro da pulsão enquanto articulada à demanda do Outro.

## Capítulo 2 – O Processo de Constituição do sujeito: de um outro ao Outro

### Formação da Subjetividade

No decorrer da história o capitalismo e sua evolução foram responsáveis por transformações, não somente no aspecto econômico, político ou social. Efetivamente, atuou diretamente nos processos de controle e segundo Safatle (2008), sua verdadeira dinâmica levou à dissolução de estruturas disciplinares como o Estado, Família, entre outros, isto é, em lugar de instituições normativas, própria a uma sociedade disciplinar, há dispositivos de controle que absorvem, no interior de sua própria dinâmica “a multiplicidade e a flexibilização” (2008, p. 19).

Para o autor, essa dissolução das instâncias clássicas de poder e controle influenciaram diretamente na produção da subjetividade dos indivíduos na sociedade contemporânea. Para abordar tal relação, Safatle recorre à teoria psicanalítica da constituição da subjetividade, destacando o papel primordial da identificação e dos ideais na constituição desta. Se o ápice do sistema capitalista propõe uma nova ordem social, este processo então, se estabelece vinculado a outro modelo, estando atribuídos a ele outros ideais e desejos, de acordo com a demanda da atualidade. A psicanálise, especialmente a de orientação Lacaniana, considera que o processo de socialização e sustentação de vínculos sociais, ocorre primordialmente por intermédio de identificações, função central atribuída a esse processo. Em nossos tempos estabelecer vínculo com os demais membros da sociedade é fundamentalmente reproduzir, ou fazer de acordo com os ideais que servem de modelo, no contexto em que nos encontramos inseridos.

Outra consideração importante da psicanálise Lacaniana, segundo Safatle (2008) se refere ao modo como o processo de identificação é vivenciado na articulação de dois registros: Imaginário e Simbólico. A identificação imaginária, originada na introjeção constitutiva e especular da imagem de um outro, que porta o valor do tipo ideal; e a simbólica, que indica o reconhecimento de si através de um Outro (dimensão introduzida e sustentada a partir da função paterna), na posição adquirida de Ideal do Eu. A forma de

identificação proporcionada pelo registro simbólico é o vínculo estabelecido pelo indivíduo, através dos traços unários adquiridos a partir do Outro, e não apenas por imagens. E não impõe ao sujeito uma identidade fixa, mas, tem a função de permitir ao sujeito reconhecer-se neste Outro, e reconhecer seu desejo naquilo que tem seu objetivo previamente estabelecido pelo contexto histórico. A identificação imaginária dá consistência ao real, contribuindo para um comportamento servir de modelo para um grupo (Lacan, 1953). Como exemplo, cito a forma como os acessórios de consumo lançados, rapidamente se expandem quando aparecem em posse de uma figura de destaque na sociedade. Uma vez que deter esses acessórios é o mesmo que ser “bonito, poderoso, exclusivo”, este último cai por terra uma vez que todos têm acesso.

O trabalho com o pequeno ser e sua constituição, que abordo neste capítulo, propõe a escuta do contexto no qual o bebê está inserido, considerando a constituição psíquica que interliga os três registros que Lacan (1936-1974) denominou de Real, Simbólico e Imaginário. É de nosso conhecimento que no decorrer de suas investigações ele alterou o conceito e a primazia entre os registros. Detalhar este assunto não é o objetivo deste trabalho, portanto faço a seguir uma breve síntese das principais idéias relacionadas a estes conceitos.

As autoras Rappaport, Hassan e Molloy (1992) citam que os textos que situam um primeiro momento de elaboração deste conceito, com ênfase ao registro Imaginário, abrangem desde o Estádio do espelho em 1936, até Função e campo da palavra em 1953. Um segundo período do ensino de Lacan é dedicado a desenvolver com maior realce o registro Simbólico, período este que se estende até 1976, época do seminário do “sinthome”. E de 1976 até a conclusão de sua obra, prevalece a elaboração do registro Real.

A prevalência sucessiva de cada um desses registros foi cedendo lugar à idéia de que o primordial é a inter-relação dos três registros em um: o real do nó. Desta forma é colocado então o registro Real contraposto ao Simbólico e ao Imaginário e o real do nó. Introduce-se dessa forma um quarto elemento, ou anel, que articula os outros.

A partir do seminário XXII a contribuição na clínica, precisamente a borromeana, visa precisamente estender o sintoma como dimensão simbólica da mensagem à sua dimensão real, que encontra-se diretamente relacionada e

apontando para o modo de gozo singular de cada sujeito. Esta clínica visa muito mais a localização do modo de gozo e a possibilidade de o sujeito se implicar, se responsabilizar e “saber fazer” com seu modo do gozo.

O registro Real aparece no começo das elaborações de Lacan como aquele que se difere do Imaginário e do Simbólico, incluindo-se posteriormente no tripé dos registros.

Num primeiro momento, esse registro Real é definido como o impossível, o que “não cessa de não se escrever”. Segundo Braga (1999) o Real refere-se a algo vivido (no corpo) e não nomeado, e abrange o que não pode ser simbolizado, e que permanece impenetrável, inalcançável ao sujeito desejante. Freud abordou este registro através de mitos.

O registro Simbólico foi considerado durante um determinado período, possível de ser identificado com a linguagem. A linguagem que Lacan leva em conta como pressuposto teórico aborda a partir da prevalência do significante, e a instância (ou insistência da letra). Essa ordem da linguagem aparece como preexistente, como uma série de determinações preestabelecidas, em que o ser falante vai se inserir.

Além disso, a ordem simbólica está diretamente relacionada com a noção do Outro, e também com a formulação do inconsciente, “estruturado como linguagem”.

No registro Imaginário desde o início de sua obra, Lacan trabalha a função das imagens na subjetividade, e o espelho por onde o indivíduo se organiza (na precipitação do eu), bem como o que circula entre o humano e o seu mundo de representações (imaginárias).

A partir do estudo do comportamento dos animais, Lacan vai destacar a importância, no imaginário, das formas do semelhante, isto é, do congênere ou similar da espécie.

No registro do imaginário encontram-se:

*A imagem do semelhante*, (como pequeno outro) que entra, junto com o eu, em uma relação dual, sem mediações ou intermediações;

*O eu especularizado*, como eu ideal, isto é, como imagem ideal. O que se vê são objetos de desejo;

*A imagem narcísica*: como imagem unificadora do corpo fragmentado.

Braga (1999) define o Imaginário como a categoria psicanalítica da demanda de amor, o Real é a categoria da pulsão e o Simbólico, a do desejo.

O processo de identificação ganha relevância, se considerarmos que é condição necessária para o funcionamento e sustentação da ideologia. Este conceito está sendo colocado, segundo Safatle (2008) não como uma falsa consciência ou crença obscura, mas, como a forma com que o sistema capitalista lança conceitos e idéias constantes para reciclar os materiais de consumo.

O contexto histórico e suas transformações contribuíram para alterar o modo de satisfação dos indivíduos. No campo da psicanálise, enfocando a questão da satisfação para o humano, Jacques Lacan apontou que a compreensão da dinâmica pulsional dos sujeitos não se encontra vinculada apenas a lógica proposta anteriormente por Freud na polaridade entre prazer e desprazer, princípio de prazer e princípio de realidade. Ressalta que esse campo se organiza a partir da noção bastante particular de “gozo”. Desta forma, a psicanálise contribui com uma noção profunda e não utilitarista referente a esta dinâmica. Neste contexto o gozo é remetido a algo que não está vinculado a usufruir dos bens aos quais se adquire, se toma posse. Mas, está diretamente relacionado a uma perspectiva de satisfação que não considera mais os sistemas de defesa e a preservação do Eu.

Inúmeros autores no campo da psicanálise identificam nessa tendência contemporânea do empuxo ao consumo e a satisfação imediata, uma certa economia libidinal que segundo Safatle (2008), seria própria da sociedade de consumo.

Vimos que através do processo de socialização, internalizamos padrões gerais de racionalidade que tendem a guiar o comportamento social. Para Freud e grande parte da produção psicanalítica, os dispositivos de formação da singularidade presentes nas dinâmicas de socialização são atribuídos a partir de tipos ideais que servem de modelos de identificação e de orientação para os modos de desejar, julgar e agir. Situação esta que pode denunciar uma economia libidinal a altura dos problemas da sociedade contemporânea.

No capítulo que se refere aos efeitos ideológicos, identificamos que um dos principais conceitos criados por Freud no que diz respeito à análise de fatos sociais contempla a instância psíquica do supereu. O estabelecimento

desta instância psíquica engloba os processos de socialização e repressão conflitantes entre si, e ocorrendo de forma simultânea. Na perspectiva da psicanálise, para que um pequeno ser seja reconhecido como sujeito e como objeto de amor no núcleo familiar, se faz necessário que ele se identifique com aquele que representa a lei, lei esta considerada repressora em relação às exigências pulsionais. O resultado desta operação é a internalização psíquica de uma instância moral de observação. O supereu é então resultado dessa identificação com a função parental, (Safatle, 2008). E uma das principais considerações que se refere a essa instância psíquica pode contribuir para compreender o surgimento e a função do sintoma no sujeito, pois, através da dinâmica: satisfação e culpa (derivada da pressão sádica do supereu sobre o Eu), ambas as ações executadas incessantemente por ele, produzem um modo neurótico de gozo.

O autor (2008) cita Freud destacando que, para a psicanálise há a suposição de uma espécie de princípio de articulação estrutural entre a autoridade familiar e as autoridades que suportam outros vínculos sociais, como: religiosos e políticos. Permite, desta forma, confirmar que aquele que suporta a função paterna não é representante apenas da lei da família, mas, de uma lei que determina o princípio geral de estruturação do universo simbólico. Algumas modificações ocorreram no decorrer da história em certos processos de socialização, e elas contribuem diretamente para que o supereu agregue nos tempos atuais novos moldes. Isto é, se esta instância ajusta a sua gênese exatamente a partir de processos de socialização, se ela é resultado de uma manifestação individual vinculada às condições sociais do complexo de Édipo, sofrerá necessariamente transformações na medida em que esses processos se esculpirem. Situação esta claramente perceptível nas incidências clínicas de uma modificação histórica na qual nos localizamos hoje. O aparecimento de uma sociedade não repressiva, vinculada a universalização das práticas de consumo, tem como resultado moldar o processo de identificação social neste parâmetro com suas conseqüências.

O trabalho que marcava o capitalismo da era moderna, diferente da contemporânea era uma atividade que não visava exatamente satisfação adquirida através do serviço dos bens, mas, a acumulação obsessiva daqueles que de seu recurso nada tem para si mesmo, a não ser a irracional sensação

de cumprimento do dever profissional. A ética reproduzida para esta finalidade era de ganhar dinheiro e sempre mais dinheiro, no mais rigoroso resguardo de todo prazer imediato do dinheiro adquirido. Totalmente diferente do que vivenciamos hoje, (Safatle, 2008).

Desta forma podemos então considerar que não haveria uma sociedade de produção, se por detrás desta, não estivesse o desenvolvimento de uma civilização neurótica e a manutenção contínua de processos de socialização com o sentimento de culpa como ferramenta central. Isso, segundo Safatle (2008) não significa que todos os sujeitos desta sociedade sejam neuróticos, e sim que os ideais socioculturais responsáveis pelo vínculo de socialização baseados em identificações, tendem a produzir estruturas libidinais neuróticas. Se até agora vimos que a incidência social da instância superegóica está vinculada a uma determinada dinâmica libidinal predominante na sociedade de produção através da ética em torno do trabalho, devemos pensar as conseqüências libidinais decorrentes do esgotamento desta sociedade em específico. Compreender a questão da sociedade contemporânea, com esse empuxo ao consumo e esse imperativo superegóico de “goza”, interferindo diretamente nos processos de interação social e de constituição subjetiva.

O autor considera que no novo espírito do capitalismo os imperativos de flexibilização, mobilidade e multiplicidade de atividades ligados ao mundo do trabalho, promoveram um impacto decisivo na economia libidinal dos sujeitos, permitindo a aproximação do ideal do trabalho a certo ideal de gozo no mundo do consumo, que pede por sua vez, uma ética do direito ao gozo. Pois, o que o discurso capitalista contemporâneo precisa é da procura constante ao gozo que impulsiona a plasticidade infinita da produção de inúmeras possibilidades que o universo do consumo proporciona. Isto é o que Safatle (2008) citando Lacan, considera como mercado de gozo, gozo este estimulado por infinitas plásticas da forma mercadoria.

Uma prova da transformação da ética protestante do trabalho ascético para a ética do direito ao gozo aparece em nossos tempos com a formalização efetiva da invenção do crédito. No passado o poder de compra estava centralizado no economizar, e na atualidade o cartão de crédito promove a satisfação imediata dos nossos desejos, excluindo essa premissa.

O efeito psíquico da passagem da sociedade de produção para a de consumo, encontra-se vinculada na contemporaneidade ao imperativo “Goze”. Gozo esse transformado em uma obrigação e não mais ao resto de satisfação acessível e possível no processo de recalque da satisfação pulsional.

Outro aspecto importante destacado pelo autor é que nos encontramos diante de uma estrutura que possui como lei “o vazio”, isto é, sem determinações privilegiadas. O que facilita a compreensão de como o que na contemporaneidade aparece como “magro, bonito e bronzeado”, por exemplo, rapidamente é substituído por “doente, anoréxico e mortífero”, deslocamento esse que se apresenta com capacidade de operar sem prejuízo momentâneo de mobilização do desejo. Podemos pensar que nos tempos atuais a relação com o desejo é sempre metonímica, ou seja, regida por um deslizamento constante, de um objeto a outro, sem ponto de basta.

Diante de uma sociedade de insatisfação, tudo o que for disponibilizado, se mostrará provisório e inadequado diante de um imperativo superegoico que exige o puro gozo, constantemente. Para atender esta demanda se faz necessário que o sistema de mercadorias promova cada vez mais rápido inúmeras variedades de objetos facilmente acessíveis e descartáveis (os *gadgets*), considerando cada vez menos, qualidade e conteúdo. Safatle (2008) ressalta que essa alteração, produz um deslocamento de uma sociedade de satisfação administrada para uma sociedade de insatisfação administrada, na qual ninguém realmente acredita nas promessas de gozo veiculadas pelo sistema de mercadorias, oferecidas para serem descartadas. Estamos diante de uma sociedade em que os vínculos com os objetos são frágeis, porém, se utiliza dessa fragilidade como benefício para se fortalecer e faz a manutenção dessa fragilidade, para se manter.

Mendes e Paravidini (2007) citam que os analistas recebem em seus consultórios, pacientes que apresentam sintomas da contemporaneidade. Destacam a interferência da cultura e dos acontecimentos sociais na organização psíquica dos indivíduos. Fizeram uma análise das relações familiares e valores da época da modernidade e também na contemporaneidade. Ressaltam que houve mudanças na organização familiar, enquanto a família moderna era regida pela figura paterna, atualmente, há uma crescente conquista das mulheres tanto no núcleo familiar, como na sociedade

e nas organizações corporativas. Consideram que os valores tradicionais, não foram perdidos, e sim redefinidos, conservando os princípios democráticos da igualdade, liberdade e direitos do homem.

Outra pontuação importante efetuada pelos autores refere-se, à fragilidade dos indivíduos na hipermodernidade, pois, se antes os homens se sentiam seguros pelo fato de serem orientados por ideais coletivistas, nos dias atuais se sentem completamente desorientados em função da multiplicidade de escolhas que tem ao seu dispor. Reforçando essa realidade Forbes (2012), afirma que a atualidade é o tempo do homem desbussulado, o habitante da nova era. Pois, como efeito da globalização o saber consagrado desde a época iluminista passou a ser genérico. Ressalta que o mesmo acontece com objetos utilitários comuns, em que fogões e geladeiras são genéricos, uns não tendo mais valor que os outros. E o mesmo acontece com o saber, um apertado de botão, um clique é o suficiente para acessar o saber que era considerado consagrado.

O homem ficou desbussulado, sem o norte da mão do pai, que por dispor de saber, lhe assegura e apontava o caminho a seguir.

Em uma perspectiva histórica das famílias houve alteração também nos vínculos afetivos, por exemplo, na escolha do cônjuge prevalecia a quantidade de bens e não o desejo afetivo do casal. Cabiam ao homem todos os tipos de iniciativa, econômica, social, cultural e também sexual. Segundo Mendes e Paravidini (2007) os demais membros da família assumiam um comportamento passivo diante do pai, a figura que desestimulava qualquer motivação e desejo individual. Entre o convívio dos familiares, não havia o privilégio de interesses particulares. Na sociedade contemporânea com a revolução sexual e o feminismo, passa-se a valorizar a autonomia dos indivíduos e de respeito às diferenças. O casal passa a dividir os direitos e deveres e o pai não é mais o agente da castração. O laço social se torna frouxo e precário, e o indivíduo adquire valor maior no âmbito familiar e social.

Deste modo houve o deslocamento do homem tradicional para o contemporâneo, este último vive no mundo da técnica, industrializado e virtual. Deste cobra-se rapidez, eficácia, quantidade de produção. O trabalho passa a ser automatizado, o que contribui para enfraquecer a criatividade e homogeneização do pensamento. O centro da vida passa a ser o trabalho, e é

exigido que ele se adapte a qualquer circunstancia e controle suas emoções a qualquer custo.

Desta forma podemos considerar que as transformações: sócia histórica, econômica e familiar atribuem aos indivíduos novas formas de sofrimento psíquico que são peculiares ao nosso tempo. Tais patologias se caracterizam por sintomas que se apresentam especialmente no corpo, como um reflexo da pobreza do mundo interno, por uma dificuldade de falar e por diminuição da capacidade de elaboração mental. Dentre os fatores responsáveis por essas mudanças, podemos ressaltar a quebra de valores tradicionais no decorrer do século XX, e a busca de êxito e de sucesso promovido pelo capitalismo.

Mendes e Paravidini (2007) destacam ainda a perda de espaço do diálogo para a imagem. Nos deparamos em nosso cotidiano ao culto dos corpos bem cuidados e uniformizados em um mesmo padrão de beleza. A aparência passa a ser mais valorizada do que os pensamentos e as emoções, e ao desejar um corpo idealizado, o sujeito não se apropria mais do seu próprio desejo, uma vez que esse desejo é atravessado pelo discurso ideológico do corpo belo, com as normas e padrões ditados pela sociedade. Os autores citam que pode estar havendo a morte do sujeito desejante. Há a probabilidade de a vida passar a ser marcada pelo isolamento, solidão, embotamento criativo e tédio. O indivíduo assume um posicionamento de menor compromisso com a vida, e mostra-se indiferente em relação aos afetos.

As psicopatologias contemporâneas são conseqüências do fracasso psíquico dos indivíduos diante do mundo idealizado das belas imagens, do sucesso profissional. Se o sujeito não atinge os ideais proclamados pela sociedade, nada mais lhe resta senão sua condição de exclusão, de doente.

Nos tempos atuais, o discurso individualista faz surgir novos laços sociais e sintomas. A vulnerabilidade não se restringe somente pela variedade de escolhas, se reflete no enfraquecimento dos vínculos humanos, na fragilidade da constituição da subjetividade. O enfraquecimento dos laços causa nos indivíduos sentimento de estranheza de si mesmo e dificuldade de gerir a própria vida e o corpo é alvo de sofrimento que não é simbolizado. A falta de comunicação e troca de experiências pode contribuir para o empobrecimento da subjetividade.

Os autores (2007) acrescentam que o evento da globalização é outro fator que alterou a organização psíquica dos seres humanos. A mídia reforçou a participação do corpo na constituição da subjetividade de dois modos: primeiro, por meio de propagandas e serviços para corrigir e melhorar a imagem corporal; e depois, associando as qualidades corporais à capacidade de o indivíduo alavancar sucesso social. O corpo passa para a condição de causar o desejo do Outro/outro.

Ressaltando o exposto, Gisella Lopes se pergunta:

“O que representaria ceder a si mesmo ao desejo do Outro? Seria fazer com ele o Um, preencher com seu corpo sua falta. Fazê-lo, desse modo, completo, inteiro, um Outro sem barra, sem falta, o que implicaria necessariamente o desaparecimento do sujeito desejante”.  
(LOPES, 1999, pg. 05)

Assistimos, portanto, a passagem angustiante do “sujeito de desejo”, para o “corpo passível de ser cedido”, corpo a ser gozado, consumido.

## O complexo de Édipo e a metáfora paterna

As contribuições de Freud referente ao complexo de Édipo, não se encontram disponíveis em um único texto. Houve inúmeras elaborações e publicações no decorrer de toda a sua pesquisa, na medida em que avançavam as investigações neste campo, de acordo com o material que seus pacientes forneciam. Destaco entre eles: *A dissolução do complexo de Édipo* Freud (1924), e *Toten e tabu* (1923)

Para este autor o complexo de Édipo centraliza a diferenciação do órgão anatômico nas meninas e meninos, e as conseqüências psíquicas dessa distinção entre os sexos. A percepção da ausência ou a presença do órgão anatômico, aponta dessa forma a função simbólica nos indivíduos, isto é, o símbolo fálico. Ressalta o complexo de Édipo como o fenômeno central do período sexual da primeira infância, quando ambos têm em comum, como primeiro objeto de amor, a mãe.

Lacan (1957) em sua teoria amplia esse conceito tornando-o precioso na construção da subjetividade. Em seu primeiro ensino, a noção de Metáfora Paterna, é sua releitura do Édipo Freudiano e a forma como explica a inserção do pequeno ser no mundo da linguagem, estabelecendo a ordem simbólica em seu psiquismo. A inserção do indivíduo na ordem simbólica implica na instauração do registro da falta neste sujeito. Ser falante, ser faltante. Esse processo é realizado por etapas, e podemos considerar cumprir a substituição do lugar da mãe pelo pai como símbolo (ou significante) e produz a simbolização primordial do lugar da mãe pela criança. Para isso, é preciso que a criança tenha inscrito, num momento prévio ao advento da metáfora paterna, a oposição entre a presença e a ausência da mãe. Este passo é essencial para afirmar o desejo da criança (porque lhe abre a dimensão imaginária do que a mãe pode desejar para além da própria criança) e para operar um deslocamento quanto ao objeto do desejo, que se torna objeto de amor. Daí a afirmação lacaniana de que no ser falante o desejo é desejo do desejo do Outro.

## Os três tempos do Édipo

Lacan (1958) define que o primeiro tempo do Édipo é aquele em que a criança deseja o desejo da mãe, isto é, o desejo do objeto primordial. Pode-se afirmar que neste tempo a cena é composta pela tríade mãe- filho- falo. A mãe já aparece como sendo o Outro e esse objeto de desejo que a falta à mãe é incorporado pela criança como falo. Falo imaginário inicialmente, apreendido como objeto que completa o desejo materno. A criança neste tempo acredita que ocupa o lugar de falo que falta a mãe. O pai mesmo em cena exercendo a função de auxílio nos cuidados com o bebê, ainda não desempenha uma função no triângulo imaginário criança/mãe/falo.

No segundo tempo do Édipo, o pai entra como o quarto elemento na tríade do primeiro tempo. E sua intervenção instaura uma dupla proibição (lei). São elas: privar a mãe da simbiose psíquica filho-falo e frustrar a criança no seu desejo de ter a mãe só para si. Nesse tempo o pai é aquele que castra, e aparece mediado pelo discurso da mãe, tratando-se do efeito do discurso do pai sobre a mãe. Isto é, o pai faz a mediação entre a criança e o desejo da mãe, e funda a posição privilegiada do falo no registro imaginário como significado das idas e vindas da mãe. Lacan ressalta que a presença ou a ausência do pai, não tem efeito se a mãe não o desejar. A criança nesse segundo tempo confunde a função paterna (representa a lei) com o seu agente e constitui o pai terrível, o pai imaginário. Porém, é essa intervenção do pai real, revestido dessa dimensão imaginária de pai castrador que desloca a criança da posição em que ela e a mãe de forma recíproca podem satisfazer-se. Nesse momento, a criança supõe que o pai é o falo que completa a mãe e então a rivalidade fálica se instaura. E a criança a partir da castração da mãe (equação da falta no Outro), formula a diferença sexual.

No terceiro tempo do Édipo, o pai ocupa o lugar de portador da lei simbólica, de acordo com o valor conferido pela mãe a sua palavra. O pai, tendo valor fálico para a mãe, passa então a não mais ser confundido com o falo, sendo reconhecido como aquele que o tem. Temos, então, a passagem da lógica do “ser/não ser” para a de “ter/não ter” o falo.

Segundo Lacan (1958) a metáfora paterna se caracteriza pela produção de um sentido novo através da substituição de um significante por outro, ao

qual se vincula um valor fálico. A sublimação ensina que a substituição não se refere ao recalque da satisfação pulsional, mas à sua transformação em um valor positivo. Está em jogo a mudança do valor de uso da criança pela mãe por outro tipo de valor, simbólico, como condição de inserção da criança na rede simbólica das trocas. O falo simbólico é a medida da passagem da ausência da mãe ao significante do Nome-do-Pai. É o significado dessa ausência enigmática. O Nome-do-Pai sustenta a ordem significante e o falo é o significante que, por retroação, reúne todos os significados sob o favorecimento do desejo. Essa resposta interpreta o desejo no campo da linguagem e recobre a ausência de saber sobre o sexo.

Alguns autores da contemporaneidade consideram que há um enfraquecimento da função paterna, refletindo automaticamente na constituição da subjetividade dos indivíduos e a forma em que se apropriam do desejo. Como será que essa realidade opera? Segundo Cabistani (2007) o pai do segundo tempo do Édipo ou da metáfora paterna é a figura mais conhecida, assumindo o papel daquele que invoca a imagem de um pai forte e privador. O que dita a norma, porém, de forma paradoxal não ocupa a posição de submetido a ela, e é esse personagem que é reclamado pelos indivíduos quando há a identificação de uma queixa da carência paterna. A autora ressalta que cabe aos estudiosos da constituição da subjetividade questionar em que esse pai é faltoso. Em não corresponder ao pai ideal, todo poderoso, à imagem do pai da ordem primitiva? A falta no pai pode ser interpretada como sendo da ordem da castração, a que todo ser humano está referido. Como sugestão solicita a reflexão inversa, afirmando que podemos considerar e questionar se não é a queda do pai ideal (imaginário), que permite o surgimento do desejo no sujeito. Com essas colocações se torna evidente a preocupação com a autoridade ou sua falta.

Safatle (2008) associa a modificação dos processos de socialização na contemporaneidade e no contexto capitalista e o impacto no ajuste da figura do supereu, como resultando em inúmeros efeitos psicológicos derivados do declínio social da “ímago paterna”. Segundo o autor, o enfraquecimento da autoridade paterna contribuiu para que a figura paterna (e não a função paterna) permaneça cada vez mais ausente. Considerando que esta figura pouco tem a ver com a tradicional, a de um pai que faz convergir imperativos

de repressão e de sublimação. Isso significa dizer que os processos de socialização tendem dessa forma, a se vincular a mecanismos que cobram um modo muito peculiar de gratificação irrestrita. Isto é, o imperativo “Goze”.

### **Capítulo 3 – Sintomas Contemporâneos e Fragilidade das Relações: Produto da Nova Ordem Social**

#### **A formação de sintomas no contexto atual**

Alguns autores das ciências humanas e da psicanálise como Eric Laurent e Zygmunt Bauman, possuem argumentos relevantes quanto à formação de sintomas na sociedade contemporânea, consequência da forma com que os indivíduos se apropriam do consumo e da fragilidade dos laços sociais que cultivam.

Laurent (2007) reforça um conceito de Freud no que se refere à culpa, afirmando que ela não é de todo negativa. Acrescenta que através dela é possível chegar à divisão do sujeito. A psicanálise constata que o sujeito neurótico se culpa por gozar e por existir. Essa culpa inconsciente, chamada de angústia indica também um ponto crucial para o sujeito. Lacan frisa que a angústia é um afeto que não engana. E como ela não engana é possível levar à questão essencial do sujeito, a do desejo. Pois, a angústia surge quando o sujeito não sabe o que o Outro quer, sentido esse preciso para compreender que a angústia não é sem objeto.

Outro ponto essencial considerado pelo autor, é que para reverter essa angústia se faz necessário promover o surgimento da questão do desejo. Cita que a via para interpretar esse desejo é fazer que o sintoma consista. Pois, quanto mais o sujeito puder localizar e se implicar com seu sintoma, melhor a possibilidade de reverter esse processo. Inversamente, quando o sintoma não é consistente, a angústia não chega a se circunscrever. Essa situação se aplica também à fantasia. Alguns indivíduos não conseguem também inscrever a angústia por essa via.

Segundo o autor a letra serve de suporte ao significante, segundo sua lei de metáfora. Isto é, utiliza o discurso como recurso para sustentar a identificação e suportar o efeito do desejo.

Laurent (2007) localiza que na sociedade contemporânea, a angústia leva o sujeito a uma situação de tentar “refazer o todo” na medida em que ele não crê mais no significante Um. O esforço para tornar o Outro todo repousa sobre o insuportável de uma ausência de garantia de gozo. Presencia-se dessa

forma duplo movimento, de um lado refazer o todo e do outro reencontrar o gozo, ambos através de um acesso em curto circuito.

Há também a pontuação de que o sujeito em alguns momentos, de acordo com as situações com que se depara, consegue aliviar a tensão de sua angústia. Leveza essa nomeada pelo autor de insustentável, pois, isso esta diretamente relacionada com a condição de suportar a inconsistência do Outro, sua ausência de garantias, sem ceder ao imperativo do gozo do supereu. Acrescenta que o importante não é o aparente alívio do sujeito, mas, a carga libidinal disponibilizada na sua relação com o gozo.

Em relação à satisfação da pulsão, o sim e o não, conceitos esses ambíguos, conduzem de forma idêntica ao triunfo do supereu. Obedecer ao “Goze” equivale a obedecer a sua ordem. Porém, dizer não é correr o risco de anunciar devastações futuras, nos novos desvios a serem assumidos pela pulsão.

No grande movimento da civilização contemporânea, aqueles que cultuam a doutrina que considera o prazer a finalidade da vida, contribuem para certo desaparecimento da particularidade do sintoma. O acesso ao gozo para todos promove de forma paradoxal dois tipos de relação com ele: “querer mais gozo e querer a particularidade do sintoma” (Laurent, 2007: p.173).

Segundo o autor para formular uma experiência originária de gozo, se faz necessário impor o reencontro do trauma pela via do sintoma. Pois, o sintoma é a dimensão de nossa existência no mundo. Inscritos nele, nos dedicamos a existir como ele e descobriremos que isso a que somos lançados, como em via dupla, também nos é enviado. Desta forma, ao mesmo tempo em que se circunscribe como uma mensagem ao Outro, também é uma forma de satisfação, de gozo. De um lado ele é sobrescrito formal, de outro pedaço de nós mesmos, acontecimento de nosso próprio corpo. Através desse pedaço de corpo que posso reconhecer como meu, possuo acesso ao significante do Outro em mim, e quando estou em face desse Outro, este não é exterior em mim, e sim interior. Eu sou o Outro que lá está. E o sintoma se prova porque promove acesso ao inconsciente como modo de gozar. Assim, a relação do sujeito com o inconsciente está expressa no sintoma. Laurent retoma a colocação de Lacan, de que o sintoma é também, o modo pelo qual cada um

goza do inconsciente, já que este o determina. Há um ganho nessa instância com a inscrição do sintoma, não há o seu estabelecimento sem um benefício.

O insuportável no sintoma pode se transformar em ponto de apoio, segundo o autor, para o sujeito atualizar sua posição diante do Outro. Este Outro do sintoma é alterado na atualidade. “Há novos sintomas toda vez que os significantes mestres se deslocam no Outro” (2007: p.175). O autor aplica sua teoria nos tempos atuais, citando que foi preciso a sociedade de consumo para que as epidemias anoréxicas e bulímicas adquirissem escala de massa, essa situação se estende no que se refere à crise na questão do real para que a depressão “como cansaço de ser o que se é”, impere.

Prosseguindo com as considerações sobre a formação de sintomas, a nova configuração econômico-cultural abordada anteriormente, talvez auxilie a compreender, porque os grandes sintomas da contemporaneidade não são mais o sentimento obsessivo de culpa ou a conversão histérica que pressupunham a existência de desejos recalcados. Segundo Safatle (2008) alguns dos sintomas mais recorrentes na atualidade são a ansiedade e a depressão, que talvez indique resultados da pressão desse supereu vinculado ao puro imperativo de gozo. Pois, tanto a ansiedade quanto a depressão pressupõe a incapacidade de sustentar escolhas de objeto. Enquanto a ansiedade é exigência do desejo de atravessar de maneira cada vez mais rápida escolhas de objeto, a depressão é exatamente a impossibilidade de vincular-se a uma relação de objeto. A depressão é uma doença da forma, o psíquico sendo aquilo que dá forma ao vivente. Lá onde uma escolha de objeto não pode se estruturar, é a própria imagem de si que se desfaz.

O Eu está profundamente vinculado à imagem do corpo próprio, a ponto de desarticulações nesta imagem afetarem diretamente a capacidade de síntese do Eu. A indústria cultural passa por mutações profundas que afetaram o regime de disponibilidade das imagens ideais do corpo. Ao invés de identidade estável, o corpo fornecido pela indústria cultural e pela retórica do consumo aparece cada vez mais como matéria plástica, como espaço da afirmação da multiplicidade.

Santiago (2007) cita que o sintoma muda mais rapidamente que a teoria que dele se faz na psicanálise. A mudança se formaliza e isto ocorre pelo fato de o sintoma consistir em uma mensagem, cuja formulação está condicionada

pelo estado em que Lacan denominou, de forma aproximativa, discurso universal.

Essas transformações, um mais-de-gozar particular, pressupõem a emergência de um ponto de descontinuidade no real, operado pelo discurso da ciência, descontinuidade essa que repercute na própria configuração do Outro. Leva-nos a questionar inclusive pela existência desse Outro.

Se há a dúvida de que o Outro existe, o sintoma com certeza existe. E essa parte variável do sintoma se conecta diretamente com o real, e não simplesmente com a função significante própria do retorno do recaiado, (Santiago 2007). Trata-se do sintoma entendido como um modo de satisfação e não como metáfora. Encarna a discordância entre o real e aquilo pelo qual ele se dá, ou seja, uma estrutura, como uma superposição de significantes, que se depreendem do real como efeito da verdade sobre o saber. Representa a inclusão, no real daquilo que não vai bem. Aliás, o que não vai bem para o sujeito se mostra satisfatório ao menos para o mestre. Com base nessa definição da dimensão real do sintoma, se pode considerá-los como efeitos do discurso.

O autor ressalta ainda ser ilusório considerar que toda experiência analítica se extrai desta vertente de mensagem do inconsciente. Há um real que emerge como um limite ao simbólico, e não se mostra subtraído do campo da linguagem. Complementa que o sintoma não é apenas uma metáfora, está presente na dialética do sujeito do desejo. Pode-se pontuar que ele goza por meio dele próprio. Portanto, se o sintoma goza dele próprio sem efeitos imaginários e simbólicos, será atribuído à estrutura do sintoma um processo de escritura e não de palavra (Santiago 2007).

Magalhães (2011) cita que nos sintomas clássicos há uma satisfação inconsciente, e que nos contemporâneos não há enigma, o sujeito sabe do que goza. A autora frisa ainda, que esses novos sintomas não são estruturados como linguagem e não se dirigem ao Outro, mas, condensam num gozo que se apresenta no corpo de forma surda e repetitiva, através de acontecimentos como: doenças psicossomáticas e passagem ao ato.

Mendes e Paravidini (2007) destacam dentre as psicopatologias contemporâneas: a anorexia, a bulimia, as doenças psicossomáticas, depressões, a síndrome do pânico, as compulsões, a obesidade.

Outro fator em evidencia na nova ordem social é a cultura do narcisismo, Dunker e Milntzky (2007) em sua publicação fazem uma referencia ao número áureo para explicar que a mais exata das ciências reporta as medidas matemáticas tendo o corpo como referência. Isto é, utilizando a proporção ou seção áurea e sua equivalência ao corpo. Citam que este número foi escolhido propositalmente por Lacan para exemplificar a relação entre o resto da operação de constituição do sujeito (o objeto a) e o falo, como fator responsável pela proporção ao desejo.

Parece haver alguma relação entre a fascinação humana pela forma-imagem, expressa pela proporção áurea, e sua aptidão para encobrir a discrepância do desejo com a linguagem. Situação esta que pode desencadear um problema, uma vez que deslocado para as relações entre desejo e corpo, naquilo que ele possui de cativante como unidade narcísica.

Dunker e Milntzky (2007) afirmam que o narcisismo postula que o sujeito toma o seu próprio corpo como objeto de amor, e principalmente, tende a tomá-lo como oferta de gozo ao supereu. É pela comparação entre imagem esperada (Ideal de eu) e imagem produzida (eu Ideal) que se forma e reproduz o sentido da perfeição. Exerce dupla função, ao mesmo tempo em que aplica-se também ao narcisismo o problema genérico dos juízos estéticos. Ou seja, não basta ao narcisismo a disponibilização de uma imagem que agrada ao sujeito, é preciso que passe do juízo de gosto (a imagem que agrada ao sujeito) ao juízo estético (a imagem que agrada a todos). Isso se explica pelo fato de que a perfeição relativa, a perfeição para os meus olhos, delata uma falta se ela pode não ser reconhecida pelo outro.

Os autores vinculam o narcisismo com a teoria do olhar, uma vez que nos tempos de hoje existe a necessidade de ser olhado, tanto no sentido de ser cuidado quanto no de ser socialmente reconhecido. Na teoria da psicanálise o narcisismo secundário, se inicia no intervalo entre a imagem formada e o olhar que a produz interpola-se um terceiro termo, ou uma terceira posição, responsável pelo ajuste entre um e outro. É o tema da distância ou da justa posição a partir da qual a imagem se forma bem, onde não é desfocada ou sujeita ao efeito da mancha e deformação reconhecida como tal. Esse descompasso entre a imagem e o olhar tem conseqüências para a dimensão do corpo em psicanálise.

Dunker e Milntzky (2007) ilustram a tese de Lacan: na apreensão de si mesmo, o sujeito percebe necessariamente uma ilusão do segundo tipo mediada por uma posição terceira (o Outro como espelho plano). Uma ilusão que tem valor de real.

Desta forma o narcisismo contém três funções: projeção imaginária, efeito de defesa e lugar de juízo.

Os autores ressaltam que desde os primórdios da modernidade, foi abordado o conceito da formação do indivíduo como um valor, isto é, com o individualismo em alta. Inacabado, plástico, versátil, o homem da modernidade tem se configurado de diversas maneiras como soberano de sua própria história. E muitos autores já mostraram como a trajetória da modernidade, pode ser lida como uma ascensão crescente e vigorosa rumo à subjetividade e sociabilidade articulada fundamentalmente pelo narcisismo. O cultivo dessa cultura pode apoiar-se na tensão entre ambivalência e discriminação, pela tendência ao estímulo das formas amnésicas e efêmeras da relação, na reflexividade egóica ilimitada, numa estetização de si mesmo, sem falar na tirania da crescente intimidade.

“Isso pode nos levar à impressão de que tanto pelos elementos descritivos, quanto pelos traços funcionais e ainda pela sua estrutura, estamos nos tornando mais e mais narcísicos”. (DUNKER e MILNTZKY, 2007 pg. 27)

Com o exposto, vemos a idéia de que o corpo não é mais algo que se deve aceitar como signo da transitoriedade da vida, da precariedade de nossas formas de satisfação e dos limites de nossa sociabilidade. E sim como ilimitado.

Até o momento foi possível constatar as conseqüências na formação da subjetividade, decorrentes da apropriação de valores que a nova cultura contemporânea proporciona. Além disso, vemos a inscrição de novos sintomas, que com o decorrer do tempo, transformaram-se na medida em que a falha de elaboração no simbólico, na atualidade se converte diretamente no real. O corpo com as marcas deste novo fenômeno passou a ser, uma das partes mais comprometidas nesta nova ordem social.

Outro fator importante a ser considerado, está diretamente relacionado à dinâmica dos indivíduos a frente da nova modalidade do Capitalismo de consumo, que se estende a prática de descartar objetos. Alguns autores como Bauman ampliam este conceito a outros âmbitos da vida do ser humano, quando o sujeito aplica esse mesmo método em sua subjetividade, forma de se relacionar, localizando a mesma fragilidade em suas relações sociais e afetivas, consequência de seu novo molde de constituição.

## **A fragilidade das relações sociais**

Um dos principais fatores abordados por Bauman (2004) se refere ao contexto amoroso, dos indivíduos na era atual. Os laços amorosos se ampliam como episódios intensos, curtos, impactantes, desencadeados a priori pela fragilidade de sua curta duração. Acrescido da compulsão de realizar novas tentativas, e a expectativa de que essas tentativas atuais, não atrapalhem as futuras investidas, pode ser considerada característica de exercitar a incapacidade de amar. Algumas culturas apreciam valores como a humildade, coragem, fé e disciplina diante da busca do amor, qualidades essas, consideradas raras nos dias de hoje. O não exercício desses valores pode contribuir para essa incapacidade de amar e deixar de estabelecer parcerias mais estáveis e/ou duradouras.

Em uma cultura consumista como a nossa, que favorece a apropriação de produtos prontos, para uso imediato, o prazer passageiro e a satisfação instantânea, obtêm como resultado tudo o que não exige esforços prolongados, com garantias de seguro total e devolução do dinheiro investido. A promessa oferecida, de aprender a arte de amar a semelhança da relação com outras mercadorias, fascina e seduz exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço.

O relacionamento amoroso prolongado é encarado por muitos em nossa contemporaneidade, como uma hipoteca baseada em um futuro incerto e imperceptível aos olhos da atual sociedade, podendo ser até, considerado tão atemorizante como a morte. Porém, com a ressalva de que esta última não possui o desejo e o excitação, que encobre essa perspectiva.

Bauman (2004) equivale em nossa sociedade, que ele nomeia como “sociedade líquida” o desejo com uma vontade de consumir. O mesmo que devorar, absorver, digerir. O desejo não precisa de nada além da presença da alteridade para ser cativado. Os produtos de consumo atraem e a satisfação se congela na alegria da satisfação, pronta a se dissolver, logo que alcançada. Pois, em sua essência o desejo por si só, é um impulso de destruição por ser contaminado desde que se origina, pela vontade de morrer.

Como evidência do que está sendo exposto o autor afirma que estamos em uma era em que consideradas defeituosas ou não, as mercadorias podem

ser trocadas por outras mesmo em boas condições de funcionamento. São substituídas sem remorso como um monte de lixo, no mesmo instante que há novas e aperfeiçoadas versões do mesmo produto, nas lojas, na mídia, pelo fato de ser o destaque do momento. Utiliza-se desta lógica para questionar se há alguma razão para que as parcerias amorosas sejam consideradas exceção, a este método de avaliação.

Segundo o autor, prevalece uma concepção de que existe uma perda significativa em matéria de investimento quando se entra em um relacionamento de longo prazo, e que as promessas se tornam irrelevantes para este período. Compara o exposto à prática de investimento financeiro, em que bons acionistas diariamente, acompanham as notícias sobre mercado de capitais, para saber a hora em que se deve manter ou desfazer-se de suas ações. E assim como outros tipos de ações, os relacionamentos são tecidos. Estar em um relacionamento, significa muita dor de cabeça, sobretudo acrescido de uma incerteza permanente. Você nunca poderá estar plena e verdadeiramente seguro do que faz, ou de ter feito a coisa certa no momento preciso. Comprometer-se com um relacionamento é uma situação de ambigüidade, e mantê-lo ou confiscar o investimento é avaliado como uma questão de cálculo e decisão. Da mesma forma, não está em seu poder evitar que o parceiro prefira sair do negócio. Para ele, você é a ação a ser vendida ou prejuízo a ser eliminado, e ninguém consulta as ações ao devolvê-las no mercado, nem os prejuízos antes de serem cortados.

O autor cita que as situações por si só provocam diversos sentimentos. A solidão, por exemplo, produz insegurança, mas, o relacionamento não alivia o desconforto, este é apenas substituído. Estar em uma relação pode trazer a mesma insegurança que estar fora dela, podendo até agravar esse sentimento. Só há a transformação do nome que é dado a ansiedade.

O autor enfatiza os conflitos que uma vida a dois pode acarretar. Amar significa transformar um outro num alguém definido, e essa afirmação significa tornar indefinido o futuro. A vaga extensão entre a finitude de seus efeitos e a infinitude de seus objetivos e conseqüências.

Por este motivo o autor relata brevemente a prática de uma relação denominada “de bolso”, como uma experiência fiel da instantaneidade e disponibilidade entre os indivíduos. A conveniência é a única coisa que conta, e

isso cabe a uma cabeça fria e não a um coração quente. Quanto menor investimento no relacionamento, menos inseguro o sujeito vai se sentir quando tiver de se expor as suas emoções futuras. O tráfego sustenta todo o prazer, mantendo o bolso livre e preparado.

Destaca ainda a atração que o sexo em si, de forma isolada propicia uma ilusão, pois, a união alcançada no breve instante do clímax do orgasmo deixa os estranhos tão distantes um do outro, quanto se encontravam antes do ato, situação essa que contribui para acentuar esta sensação ilusória. Neste papel, o orgasmo sexual possui função semelhante ao vício do álcool e drogas: “intenso, porém, transitório e periódico” (2004: p.62). Não admira que a escolha do sujeito por esta forma de relacionar-se, tenha como efeito a enorme capacidade de gerar frustração e agravar a própria sensação de desconforto para qual se esperava que houvesse cura. A vitória da liberdade do sexo pelo sexo, na melhor das hipóteses, é comparada pelo autor, com os remédios maravilhosos que parecem produzir moléstias e sofrimentos não menos numerosos e mais agudos que aqueles que prometiam curar.

Para reforçar sua teoria sobre a quantidade, o autor define que no mundo em que vivemos, a seriedade é sinônimo de variedade, o que é representada por números. E se apropriar de inúmeras habilidades concebidas para enfrentá-lo é prova de relevância para uma vida de sucesso. E os relacionamentos devem apenas cair como um manto leve que pode ser posto de lado a qualquer momento.

Para nós, os habitantes deste “líquido mundo moderno” que tende a exterminar tudo o que é sólido e durável, o que não se ajusta ao uso instantâneo é deixado de lado, pois, não permite que se ponha fim ao esforço.

Bauman amplia sua análise para as relações virtuais, em que há predominância de dois estímulos simultâneos: o se aproximar e afastar-se. Estes se fundem e se misturam no trabalho extremamente exaustivo de tecer redes e surfar nelas. O ideal de conectividade luta para apreender a difícil dialética desses dois elementos inconciliáveis. Promete uma navegação segura por entre os recifes da solidão e do compromisso, do flagelo da exclusão e da inflexível corrente dos vínculos demasiadamente estreitos.

Nos chamados chats, nos deparamos com indivíduos viciados neste tipo de comunicação. Os freqüentadores desse canal possuem a dinâmica de

entrar e sair do circuito o tempo todo. Soma-se a este modo de agir indivíduos, que transbordam o canal com o envio constante de mensagens, com a finalidade apenas de romper o tempo todo com o silêncio, não importa se possuem significado ou não. Nestes relacionamentos virtuais não são as mensagens em si (seu conteúdo) que importam e sim o ir e vir, isto é, estar sempre em movimento. O pertencimento é a conversa, não aquilo sobre o que se conversa.

Nas conversas em chats, telefones celulares, assim como, os serviços de textos 24 horas, define o autor, a introspecção é substituída por uma interação frenética e frívola que revela os segredos mais profundos daqueles que freqüentam esse canal. Porém, essa forma de agir pode não parecer tão leviana se partirmos da premissa de que a única questão relevante neste tipo de relacionamento é manter o site funcionando. Pois, ao interromper uma conversa, se está fora de circuito. O silêncio equivale à exclusão.

Outra colocação pertinente de Bauman (2004) é a definição do papel assumido pelos celulares na vida das pessoas. Você nunca o perde de vista, não vai a nenhum lugar sem ele e estando em posse deste meio de comunicação, nunca está excluído do circuito virtual ou longe dele. Numa teia de chamados e mensagens, as pessoas ao seu redor não podem rejeitá-lo e mesmo que o usuário sofra essa tentativa, o que realmente importa é o status que o celular proporciona a ele, e isto permanece inalterado.

O ritmo e a velocidade do uso deste meio de comunicação, e o desgaste resultante pouco importam no cotidiano dos indivíduos. Cada conexão pode ter vida curta, mas, seu acesso é inesgotável. Esta forma de agir pode contribuir para que o ser humano se sinta seguro, diante da fragilidade irreparável de cada conexão singular e transitória.

Outra colocação realizada pelo autor se refere às relações de co-presença, sempre envolverem proximidade e distância ao mesmo tempo, e a proximidade virtual em específico faz a balança pender em favor do afastamento que este modo de se relacionar propicia. Uma separação final entre o fisicamente distante e espiritualmente remoto. Isto é, a proximidade não exige mais a contigüidade física e esta não determina mais a proximidade.

A proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais freqüentes e mais banais, mais intensas e breves, para poderem inclusive

condensar-se em laços. Os contatos exigem menos tempo e esforço para serem estabelecidos, e também para serem rompidos. O fim da proximidade virtual real e metaforicamente, pode acontecer com o apertar de um botão. “A procura de um parceiro por essa rede é como folhear um catálogo de reembolso postal que traz o aviso de compra não obrigatória” (Bauman, 2004; p.85) e garantia de devolução ao consumidor caso ele não esteja satisfeito. Terminar quando se deseja, instantaneamente sem confusão, avaliação de perdas e remorsos, é a principal vantagem do namoro pela Internet. Reduzir riscos e evitar a perda de opções é o que proporciona o mundo de oportunidades fluídas.

Há um momento em sua teoria que o autor amplia a era líquida, localizando as possíveis conseqüências dessa maneira de pensar e agir, no que se refere à decisão de ter filhos. Até agora vimos que os objetos de consumo servem às necessidades, desejos ou impulsos do consumidor. Assim como também os filhos. Eles podem não ser desejados por todos os casais, desejados pelas alegrias do prazer paternal que se espera que essa decisão proporcione. Alegrias de uma espécie que nenhum objeto de consumo por mais sofisticado que seja, pode promover, tende a pender na mesma proporção de estarem entre as aquisições mais caras que o consumidor pode fazer ao longo de toda a sua vida. Num mundo que não oferece mais plano de carreira e empregos estáveis, assinar um contrato de hipoteca com prestação de valores desconhecido, a serem pagas por um tempo indefinido, significa expor-se a um nível de risco bem elevado a uma fonte de expansão de ansiedade e medo.

Além disso, ter filhos nos tempos de hoje é uma questão de decisão e não acidente, o que o autor considera provável motivo de aumento da ansiedade. Pois, formar uma família pode ser considerado o mesmo que pular de cabeça em águas inexploradas e de profundidade incalculável. Um sacrifício assustador que se choca fortemente com os hábitos do consumidor prudente. Para esta situação em específico, a depressão e crises conjugais pós-parto parecem enfermidades características de nossa modernidade líquida, da mesma forma que anorexia, bulimia e incontáveis formas de compulsões.

Qualquer aquisição feita pelo consumidor envolve risco e cabe aos vendedores assegurarem aos clientes que os riscos assumidos foram

praticamente extintos. Essa segurança não se estende em nossa contemporaneidade no caso de parto. Essa situação situa o motivo pelo qual existem diversos institutos de pesquisas médicas e clínicas de atendimento pré-natal enriquecendo. Pois, há uma demanda potencialmente infinita pela redução de riscos endêmicos ao parto.

Os mercados modernos de consumo são mantidos pelo único personagem que lubrifica as rodas de crescimento econômico. O ator solitário, o sujeito hipermoderno, auto-referente e centrado que persegue o melhor ideal, adotando a busca pela melhor barganha como uma cura para a solidão sem conhecer outra terapia. Vive em um mundo povoado por outros personagens que compartilham das mesmas virtudes que ele, e nada, além disso. São homens e mulheres com frouxos vínculos sociais, representantes ideais para essa economia de mercado.

## Capítulo 4 – O Laço Social outro/Outro na Clínica Contemporânea dos Novos Sintomas

### A possibilidade de tratamento pelo laço social com o analista

Segundo Lacan (1969) o discurso do analista se coloca como a única modalidade de tratamento do mal-estar (sintomas) que considera o outro como sujeito. O único ressalta o autor, em que o significante mestre não pode ser representado por ninguém e se desvela originalmente como é. Neste cenário não há idealização do mestre, nem imperativo do discurso, mas, sim a disposição do discurso do mestre reduzido a um traço, um traço que perde a identificação. O analista estabelece a saída do discurso capitalista, forma contemporânea do discurso do mestre. No discurso do analista está centralizado a impossibilidade de se governar, pois, é o pólo oposto a toda vontade de dominar.

Não existe a possibilidade de promoção de tratamento, se não for realizado através de um discurso. Por este motivo todo tratamento se insere por um laço social. Quando o profissional se cala, e ocupa o lugar de objeto causa de desejo e de transferência, faz com que o paciente se dê conta de algo que ele mesmo não sabia que sabia, aparecendo o resultado da ação do discurso do analista. O discurso do analista propicia apenas um significante, não precisa necessariamente ser representante da dominação de alguém. Esse laço analista/analista proporciona ao sujeito possibilidade de produzir o significante de sua singularidade, como por exemplo, o sintoma analítico.

Os discursos que representam o avesso da civilização, entre eles o do analista, levam a pulsão (representada pelo objeto a) como verdade e promoção de tratamento. O sintoma direcionado para o analista, vínculo que desmembra a predominância do a, de mais gozar, se revela como o impossível de comandar, pois, este vínculo se encontra oposto ao controle ou dominação.

Representado por figuras cadavéricas consumidas na e pela paixão, Teixeira e Couto (2009) citam que o sujeito contemporâneo chega a clínica impulsionado pelo gozo e sobrecarregado pelo impasse de renunciar aos objetos. E acrescentam que nesse circuito capitalista de preponderância ao

gozo sobre a palavra, cabe a clínica psicanalítica de orientação Lacaniana fazer valer o inconsciente.

“A perversão está cada vez mais presente como norma social. Nesse contexto a prática psicanalítica só pode fundar-se no inconsciente, tendo por premissa fundamental o gozo e por paradigma o sintoma mudo. Esse modelo obsessivo do sintoma é algo que se repete, que aparece como real e que não fala” (BARRETO, 1998, pg. 32)

É o discurso do analista que promove o aparecimento da divisão subjetiva. Essa posição clínica permite que os produtos da cultura sejam retirados do lugar de objeto tampão da falta estrutural, possibilitando ao sujeito lidar com suas impossibilidades e sair do gozo autístico dos objetos de consumo.

Mendes e Paravidini (2007) consideram que a escuta psicanalítica necessita de aprimoramento incessante, com a finalidade de lidar e tratar novos sintomas.

Magalhães (2011) considera que a estratégia de atuação do analista na clínica dos novos sintomas, é produzir um efeito sobre o sujeito que permite, aos novos sintomas cederem algo de seu mutismo à lógica fálica, transformando assim, o dito no dizer, num sintoma analisável, porque é dirigido ao Outro. Trata-se de fazer o indivíduo falar, para que este possa então sob transferência construir um sintoma analítico.

Outro apontamento importante realizado pela autora, esta diretamente relacionado ao discurso capitalista e seus efeitos, frisando que este discurso incrementa o desregramento das pulsões, pela oferta compulsiva de objetos que faz, criam as necessidades se oferecendo para tamponá-las. Diante deste Outro não barrado, que se apresenta sem falta, o sujeito materializa o objeto de desejo na comida, nas drogas, nos “gadgets”.

Neste cenário o que sustenta a busca de estratégias de manejo é a forma que esses sujeitos se apresentam à clínica, no período de entrevistas preliminares: sem queixa, com o simbólico bastante empobrecido, muitas atuações, sem enigmas, expressando-se por chavões e ditos do senso comum, sem argumentar suas afirmações. Não afetados pelo seu não saber. Sujeitos que elidem a falta, afastam-se do desejo em favor das escolhas pela via do

gozo, pela via do sem palavras, pela ausência de laços sociais. Trata-se de sujeitos que detêm um saber sobre seu gozo, nos transtornos das quais padecem.

A autora (2011) cita Miller (1999) que retoma o “valor da asserção”, relembrando a afirmação lacaniana de que a palavra é o assassinato da coisa, a linguagem é o assassinato do gozo. Este conceito tem como finalidade auxiliar no tratamento desses supostos novos sintomas, com a premissa de que para algo do gozo mortífero ser esvaziado, é preciso que passe pela palavra.

Na clínica dos sintomas contemporâneos, a aposta na palavra coloca o analista, em um primeiro momento, numa posição semelhante aquela que ocupa diante do psicótico: buscando escutar um sujeito que, ao invés de portar um enigma, detém um saber sobre sua forma de gozar.

Para complementar a atuação dos analistas frente a novos desafios, Mendes e Paravidini (2007) consideram que o método de atuação deve ser levado para outros espaços além do consultório, como: instituições públicas, hospitais, creches, laboratórios. Significa também, segundo os autores que o tratamento analítico precisa ser reinventado a cada encontro, a cada vez que se inicia uma análise. Desse modo a teoria psicanalítica deve ser vista como um conjunto de preposições a serem desenvolvidas criticamente, com foco em que o analisante se reconheça como sujeito que se constitui através de palavras, escolhas e ações. Uma retificação subjetiva que leve a uma consciência crítica capaz de possibilitar, que esses corpos passivos em nossa sociedade possam se inserir como sujeitos desejantes na contemporaneidade.

Laurent (2007) pontua que no que diz respeito ao gozo, o psicanalista deve atuar com o dever de restabelecer ao sujeito a sua particularidade.

Esse profissional deve acolher as novas formas de sintoma, pois, cada sintoma, inédito ou epidêmico dentro de um contexto social, torna o sujeito sensível à sua realidade de objeto a. O sujeito se torna contagiado pelo seu efeito, e a epidemia consegue também se disseminar porque, a cada vez que surge novo sintoma, um novo retrato surge em primeiro plano.

Encontrar a forma de direcionar a angústia do sujeito é fazer com que o mesmo entenda que os sintomas inéditos de nossa civilização são legíveis e possíveis de tratar. A psicanálise por fim, desencanta de boa maneira o

significante mestre, disponibilizando espaço para o movimento. E o esforço conduzido para essa demanda, possibilita o deslocamento desse sintoma. Porque esses profissionais de saúde mental esperam atuar no local onde os sintomas contemporâneos são recolhidos. Isso não quer dizer que são por si só, entendidos ou tratados, muitas vezes essa possibilidade circula em traços que deixam expostas pequenas pontas. Há a tentativa de fazer com que esses efeitos, sejam possíveis de acessar através dos traços, uma vez que algo do conteúdo inconsciente não cessa de tomar a palavra.

O autor retoma um conceito de Lacan citando que reduzir o Nome do Pai a um sintoma, é reconhecer que, já que significante e significado não se sustentam sozinhos, a mediação da metáfora paterna é essencial para promover o significado, é fazer do sintoma o fundamento do amparo do Outro. A ética da psicanálise é a de uma sociedade do sintoma.

Neste sentido a aposta da psicanálise Lacaniana sustenta-se na imortalidade do desejo e na responsabilidade dos sujeitos por suas escolhas.

Laurent (2007) defende em sua publicação que os analistas têm de passar, de especialistas de desidentificação (promoção de psicanálise como prática de um processo sem fim de desidentificar-se até o infinito), para o exercício da função de analista cidadão. Para o autor essa classe de profissionais precisa compreender que há interesses mútuos entre o discurso analítico e democracia. Há de se passar do analista reservado, crítico, e suscetível ao afastamento, a um analista capaz de entender qual foi sua função, não apenas clínica, mas, também social.

O analista deve apoiar a civilização a respeitar a conexão entre as normas e as particularidades individuais. Ele tem que contribuir para os outros saberes, não se esquecerem em nome da universalidade, humanista ou não, da individualidade de cada um. Pois, a realidade é o inverso da colocação efetuada pelo autor, em que a particularidade é esquecida no Exército, Partidos Políticos, Igreja, nas Sociedades Analíticas, na Saúde Mental, em toda a parte.

Nesta perspectiva, não apenas o analista, mas, todos os profissionais de saúde mental devem atuar ativamente, na promoção de uma rede de assistência que deve agregar qualidade técnica e democracia, capaz de respeitar a cidadania dos sujeitos inseridos nesse campo. Assim como também, devem contribuir de forma precisa com atividades que se aproximem

ao campo das terapêuticas, situação na qual há a possibilidade de estender ao campo da saúde mental, e isso sem deixar de acompanhar as novas formas de trabalho ou transformação científica dos ideais.

## Considerações Finais

A teoria psicanalítica, embasamento teórico do material selecionado neste trabalho, aponta para a existência de um aparelho psíquico, e de um inconsciente, que determina a vida psíquica dos humanos. Além disso, pressupõe as referências freudianas retomadas por Lacan e demais autores, numa articulação teórica constante e necessária, que adiciona os conceitos de “sujeito do desejo” a “empuxo ao gozo” e da idéia de que o inconsciente está estruturado como uma linguagem. Diante deste ponto de vista o sujeito é interpretado a partir de seus relacionamentos com o outro (semelhante) que o inscreve na linguagem, e de sua posição simbólica em relação ao grande Outro, reproduzida no contexto histórico e social. A ênfase na importância da ordem da linguagem não significa que a psicanálise se restringe ao campo da fala em termo de comunicação verbal. O corpo também expressa as inscrições inconscientes, e este é o principal instrumento de comunicação utilizado nos dias atuais, uma vez que os sujeitos se apresentam em uma relação com o simbólico bastante comprometida, não se apropriando da elaboração de seus conteúdos internos.

Esse deslocamento na formação dos sintomas e sua manifestação no real, está muito relacionado aos estímulos promovidos pelo sistema capitalista, que no decorrer da história transformou-se em seu benefício, para sua própria sobrevivência. Nos dias de hoje nos deparamos com sua face mais perversa, em que associado ao discurso da ciência e ao desenvolvimento da tecnologia desenfreada, ressalta a falta no sujeito oferecendo ao mesmo tempo o objeto tampão, aliviando esse desconforto. Dinâmica essa utilizada incessantemente, a cada nova oferta, a cada nova possibilidade. Como seus aliados, a propaganda, a mídia, e todo canal que veicula todas as novidades e lançamentos pertinentes ao consumo e que proporcionam o gozo, ao descarte e nova aquisição. No atual contexto cultural verificamos uma troca de valores, pois, nos dias de hoje não existe a necessidade de possuir recursos como premissa para satisfação e condição para adquirir os produtos, pois, o cartão de crédito e compra a prazo “resolvem” todos os obstáculos financeiros, ainda que os indivíduos se tornem eternamente endividados e dependentes, e um produto tão consumível quanto aqueles disponíveis em prateleiras e vitrines.

O que toma destaque a olho nu é nos encontrarmos em uma sociedade, em que predomina sujeitos que tendem a constituir sua subjetividade pelo empuxo ao consumo e que entram nesse ciclo, na busca constante do produto mais moderno, e de última geração tecnológica, contribuindo para solidificação do contexto econômico e social prevalente na maioria dos países do mundo. Esses sujeitos possuem como característica a tendência a padronização, à “subjetividade líquida” com fragilidade expressiva em suas relações com tudo o que se encontra ao seu redor. Desde o descarte automático das aquisições realizadas, até relacionamentos pessoais e afetivos podendo se desenvolver com a mesma atenção atribuída aos objetos de consumo: de substituição constante, superficial, com prazer instantâneo e possibilidade remota de formar laço social. Situação essa acentuada pela facilidade de relacionar-se através das redes sociais, proporcionando ao indivíduo a fantasia de que conectado se comunica e se vincula com qualquer pessoa do mundo inteiro, quando sua realidade é estar sentado na frente de uma máquina sozinho e ao se desconectar restam somente seus próprios pensamentos, planos e desconfortos.

Outro fator a ser considerado é o estatuto do corpo a frente das novas manifestações e sintomas, como via privilegiada nessa promoção de gozo sem limite. O corpo toma a cena social, saindo do espaço privado do interior dos lares, ganhando espaço público pela mídia, nas academias, nas clínicas de estética e cirurgia e nos discursos. Com a cultura do narcisismo em alta, o corpo é alvo privilegiado do ideal de perfeição e completude, ideal da boa forma (saúde, magreza, beleza, desempenho). Todos se ajustam aos modelos que variam e são lançados pela moda e exigência do mercado. Uma lei de ferro, inflexível, que não preza as dores ou limites do corpo, cabendo somente ao sujeito se ajustar às dimensões estabelecidas custe o que custar. O que faz com seu corpo, assegura ao sujeito estar dentro ou fora dos padrões impostos pela cultura, e também podendo servir de ideal para uma determinada classe social.

São esses os sujeitos que chegam à clínica para o profissional da vertente da psicanálise tratar. Com pouca elaboração psíquica sobre seus conteúdos internos, trazem diretamente no real as conseqüências dos valores que absorvem da nova ordem social e de suas relações com o gozo e o desejo.

Outro agravante são as infinitas possibilidades de escolha, podendo contribuir para a falta de norte e constante insatisfação deste sujeito. Vale ressaltar a unanime contribuição dos autores no que se refere ao método de tratamento, que tem como premissa apostar no surgimento da singularidade deste sujeito, ação essa proporcionada pelo vínculo estabelecido entre analisante e analista. Através do discurso do analista torna-se possível a promoção do aparecimento da divisão subjetiva. Na direção de um tratamento, fazendo este indivíduo falar, existe a possibilidade, então, de ser construído um sintoma analítico.

Desta forma a teoria psicanalítica deve ser vista como possibilidade para que o analisante se reconheça como sujeito, que se constitui através de palavras, escolhas e ações. E a oferta da escuta analítica deve ultrapassar os limites das paredes do consultório, se expandindo para locais públicos como creches, escolas, hospitais, laboratórios, organizações do mundo do trabalho, pois, a possibilidade de tratamento está presente em todos os locais em que há laço social.

Considero importante também, como apontado pelos autores, destacar a importância do aprimoramento do método analítico a cada encontro, a cada nova oportunidade, a cada nova característica de sujeitos e sintomas, pois, se a clínica muda é porque os sintomas mudam. E aliados a essa premissa, temos ferramenta contínua de trabalho analítico.

## Referência Bibliográfica

ALVES, R. (1997) Qualidade em educação in Folha de S. Paulo – São Paulo. Acesso em 15/07/2013.

BARRETO, F. P. (1998) A clínica psicanalítica no mundo globalizado. Revista Curinga, no. 12, p. 31-32.

BAUMAN, Z. (2004) Amor líquido. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BRAGA, M. L. S. (1999) As três categorias peircianas e os três registros lacanianos. Psicol. USP [online]. vol.10, nº.2, p. 81-91.

BRAUER, J. F. (1994) O outro em Lacan: conseqüências clínicas. Psicol. USP, vol.5, nº.1-2, p.309-333.

CABISTANI, R. M. O. (2007) Sentidos da função paterna na educação. Porto Alegre: UFRGS.

COUTINHO, M. C., KRAWULSKI, E., SOARES, D.H.P. (2007) Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. Psicol. Soc. Porto alegre, vol. 19, nº especial.

DUNKER, C., MILNITZKI, F. (2007) O narcisismo da cultura e a crise no sentido. Goiás: Dimensão Editora.

FREUD, S. (1950). Obras Psicológicas Completas da Standard Brasileira Imago Carta 52, vol. I.

FREUD, S. (1900) Obras Psicológicas Completas da Standard Brasileira Imago A interpretação dos sonhos, vol. IV.

FREUD, S. (1921) Obras Psicológicas Completas da Standard Brasileira Imago A psicologia das massas e a análise do eu, vol. XIII.

FREUD, S. (1927) Obras Psicológicas Completas da Standard Brasileira Imago O futuro de uma ilusão, vol. XXI.

FORBES, J. (2012) A Psicanálise do homem desbussulado – As reações ao futuro e seu tratamento. Disponível em: <http://ebp.org.br/wp-content/uploads>. Acesso em 30 de mai. 2013.

HERZOG, R., PINHEIRO, T. (2003) Impasses na clínica psicanalítica: a invenção da subjetividade. Disponível em: [www.estadosgerais.org/mundial—rj](http://www.estadosgerais.org/mundial—rj). Acesso em: 15 de Out. 2012.

IJUIM, J.K., TELAROLLI, T. M. (2008) Comunicação no mundo globalizado – Tendências no século XXI. Revista Ciberlegenda/UFF, ano X, nº 20.

LACAN, J. (1953) O simbólico, o imaginário e o real in Nomes-do-Pai, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, J. (1957-58) O seminário. Livro 5: as formações do inconsciente, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, J. (1969-1970) O seminário. Livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1991.

LAURANT, E. (2007) A sociedade do sintoma, a psicanálise hoje. Rio de Janeiro: Contra Capa.

LAZNIK, M. C. P. (1992) A construção do conceito de gozo em Lacan. Revista Percurso, São Paulo vol. 8.

LOPES, G. L. (2012) Ontem e Hoje: Desejo e gozo. Disponível em: <http://ebp.org.br/wp-content/uploads>. Acesso em 30 de mai 2013.

MAGALHÃES, E. (2011) O deslocamento do sujeito suposto saber da clínica contemporânea. Revista Latusa, nº 16, p. 83-89.

MENDES, E. D., PARAVIDINI, J. L. L. (2007) Os significantes da escuta psicanalítica na clínica contemporânea, São Paulo vol. 11, nº 20.

RAPPAPORT, C. R., HASSAN, S. e MOLLOY, C. (1992) Psicanálise. Introdução à práxis: Freud e Lacan. São Paulo: EPU, p. 93-97.

ROSA, M. D., CARIGNATO, T. T., BERTA, S. L. (2006) Ética e política: a psicanálise diante da realidade, dos ideais e das violências contemporâneos. Rio de Janeiro, vol. 9 nº1.

SANTIAGO, J. (2007) Se a clínica muda, os sintomas mudam. Revista Clin-a, nº 01, p. 55-60.

SAFATLE, V. (2008) Cinismo e falência da crítica. São Paulo: Boitempo Editorial.

TEIXEIRA, V. L., COUTO, L. F. S. (2009) A cultura do consumo: uma leitura psicanalítica Lacaniana, Bahia, vol. 15 nº 3.